

COLEÇÃO **C10** VOL.2

NARRATIVAS DOCENTES:

reflexões críticas sobre os desafios, enfrentamentos e reinvenções nas práticas dos professores e professoras na pandemia

**Ana Laura Salcedo de Medeiros
Berenice Vahl Vaniel**
organizadoras

COLEÇÃO **C10** VOL.2

NARRATIVAS DOCENTES:

reflexões críticas sobre os
desafios, enfrentamentos e
reinvenções nas práticas dos
professores e professoras
na pandemia

Ana Laura Salcedo de Medeiros
Berenice Vahl Vaniel
organizadoras

Copyright ©2023 das organizadoras.

Direitos desta edição reservados aos organizadores, cedidos somente para a presente edição à EDITORA CASALETTRAS.



LICENCIADA POR UMA LICENÇA CREATIVE COMMONS

Atribuição - Não Comercial - Sem Derivadas 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0)

Você é livre para:

Compartilhar - copie e redistribua o material em qualquer meio ou formato. O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Atribuição - Você deve dar o crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazê-lo de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou seu uso.

Não Comercial - Você não pode usar o material para fins comerciais.

Não-derivadas - Se você remixar, transformar ou desenvolver o material, não poderá distribuir o material modificado.

Sem restrições adicionais - Você não pode aplicar termos legais ou medidas tecnológicas que restrinjam legalmente outras pessoas a fazer o que a licença permitir.

Este é um resumo da licença atribuída. Os termos da licença jurídica integral está disponível em:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/legalcode>

Os dados e conceitos emitidos nos trabalhos, bem como a exatidão das referências bibliográficas, são de inteira responsabilidade dos autores.

EXPEDIENTE:

Supervisão editorial:
Júlia Guimarães Neves

Revisor linguístico:
Anderson Pires de Souza

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Casalettras

Editor:
Marcelo França de Oliveira

Conselho Editorial
Prof. Dr. Amurabi Oliveira - UFSC
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes - UFPEL
Prof. Dr. Elio Flores - UFPB
Prof. Dr. Fábio Augusto Steyer - UEPG
Prof. Dr. Francisco das Neves Alves - FURG
Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas - UFPEL
Prof.ª Dr.ª Maria Eunice Moreira - PUCRS
Prof. Dr. Moacyr Flores - IHGRGS
Prof. Dr. Luiz Henrique Torres - FURG

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N1678 Narrativas docentes: reflexões críticas sobre os desafios, enfrentamentos e reinvenções nas práticas dos professores e professoras na pandemia / Ana Laura Salcedo de Medeiros e Berenice Vahl Vaniel (Org.). Coleção Ciência é 10/FURG, vol. 2. Diretora da Coleção: Júlia Guimarães Neves. [Recurso eletrônico] Porto Alegre: Casalettras, 2023.

103 p.
Bibliografia
ISBN: 978-65-86625-69-1

1. Educação - 2. Educação básica - 3. Pandemia Covid-19 - I. De Medeiros, Ana Laura Salcedo - II. Neves, Vaniele, Berenice Vahl - III. Título.

CDU:371.8

CDD-371


casalettras

EDITORA CASALETTRAS
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103
+55 51 3013-1407 - contato@casalettras.com
www.casalettras.com

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
SENTIMENTOS E REFLEXÕES DE UMA MÃE, DONA DE CASA E PROFESSORA DE CIÊNCIAS EM TEMPOS DE PANDEMIA	10
NEIVA ALTHAUS	
MUDANÇAS QUE A PANDEMIA TROUXE PARA A ESCOLA.....	23
NATÁLIA VIEIRA DE SOUZA SILVA	
VIVENDO OS DESAFIOS DA ESCOLA DURANTE A PANDEMIA	28
MARCELO DA ROCHA NUNES CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES	
ALUNOS FORA DA ESCOLA E AGORA? UMA REFLEXÃO SOBRE A MUDANÇA NO COTIDIANO ESCOLAR EM TEMPOS DE PANDEMIA	34
KAREN FLÔRES RODRIGUES	
A REINVENÇÃO E ADAPTAÇÃO DOCENTE DIANTE DE UMA NOVA REALIDADE EDUCATIVA	42
JULIANA COSTA DA SILVA	
A ESCOLA NA PANDEMIA: O QUE VIVENCIEI EM 2020 E 2021?	51
JANESSA ALINE ZAPPE	
MINHAS VIVÊNCIAS NA ESCOLA DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS.....	59
IEDA MARIA LOPES DA SILVEIRA	
SOBRE O TRIÊNIO PANDÊMICO.....	64
EMERSON ROBERTO DE OLIVEIRA	
TESTEMUNHOS DE UMA PROFESSORA DURANTE A PANDEMIA	82
ELISA MACHADO MILACH	

**COMO EU E MINHA COMUNIDADE ESCOLAR ESTAMOS REALIZANDO OS
ENFRENTAMENTOS AOS DESAFIOS DA PANDEMIA?88**

ANA DE FÁTIMA PADILHA RODRIGUES

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS.....98

APRESENTAÇÃO

Caros leitores, chegamos ao segundo volume da coleção de E-books do Curso de Especialização em Ensino de Ciências – Anos finais do Ensino Fundamental “Ciência é Dez” – C10, da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, o qual é o composto por dez narrativas de professores e professoras especialistas em Ensino de Ciências, egressos da primeira edição do curso.

As experiências partilhadas nesta obra foram produzidas no contexto pandêmico em que os autores encontravam-se, concomitantemente, participando do curso de especialização C10 na FURG, realizando seu fazer docente na escola, buscando superar os desafios e as suas próprias limitações cotidianamente. A tríade que compõe o elo de ligação, de conexão entre os textos é: a) o processo reflexivo da prática docente vivenciada neste período de pandemia; b) os desafios, limitações e superações referente à necessidade de uso das tecnologias digitais e; c) a produção de narrativas como resultado do processo reflexivo, o qual visou provocar movimentos de construção e reconstrução da nossa prática. Diversidade de ações, todos buscando ultrapassar suas próprias limitações com o uso das tecnologias e de superação com o momento adverso de distanciamento sanitário.

Refletir criticamente foi a metodologia assumida no curso para gerar a autonomia dos professores e professoras quanto ao papel docente com relação à educação e a sociedade no período pandêmico, mesmo pós pandemia.

A seguir, apresentamos cada uma das narrativas deste E-book que visibilizam o fazer, o mudar, o criar e o assumir as atribuições docentes no momento complexo da situação sanitária mundial. Desejamos aos leitores, uma leitura reflexiva como a escrita dos professores e professoras.

O texto **Sentimentos e reflexões de uma mãe, dona de casa e professora de ciências em tempos de pandemia**, de autoria da **Neiva Althaus**, denuncia as condições de trabalho vividas na pandemia, em relação à forma que os governos conduziram as ações referentes à educação, ou seja, não priorizaram a aprendizagem efetiva dos estudantes e fragilizam as condições de trabalho dos professores. A autora ainda relata que apesar do descaso dos governos, da exaustão provocada pelo trabalho triplicado, seu fazer em sala de aula ocorreu com amorosidade e a partir da escuta atenta às necessidades dos estudantes. Por fim, anuncia seus desejos de continuar na luta pela educação pública, gratuita e de qualidade.

Natália Vieira de Souza Silva discute as **Mudanças que a pandemia trouxe para a escola**, a partir do Ensino Remoto, descreve as estratégias criadas pela escola utilizando diferentes tecnologias, desde grupos no *Facebook*, *WhatsApp*, o *Classroom* e disponibilização de vídeos no *YouTube*, além dos livros didáticos que os alunos tinham consigo. A boniteza do texto encontra-se no dar-se conta da autora em relação à fonte inspiradora para a reestruturação dos modos de ensinar e de aprender durante a pandemia: o Ensino por Investigação. Nós leitores somos presenteados com reflexões sobre as aprendizagens construídas a partir do Ensino por investigação, com uso das tecnologias digitais a partir do contexto vivido naquele momento pandêmico.

A narrativa **Vivendo os desafios da escola durante a pandemia**, de Marcelo da Rocha Nunes e Carla Amorim Neves Gonçalves, apresenta a trajetória do professor durante a pandemia, e revela os diferentes sentimentos, questionamentos e ações educativas que foram emergindo para a cada desafio imposto pelo caos pandêmico. Contam também as limitações enfrentadas na realização do planejamento e os desafios para possibilitar que os estudantes acessem as aulas.

No texto **Alunos fora da escola e agora? Uma reflexão sobre a mudança no cotidiano escolar em tempos de pandemia**, Karen Flôres Rodrigues denuncia com riqueza de detalhes as possibilidades de aprendizagem que foram roubadas dos estudantes durante a pandemia e a herança deixada para o futuro: a defasagem na educação, na aprendizagem desses estudantes. A autora destaca que vivenciar a docência durante esse período pandêmico desencadeou profundas transformações no seu fazer pedagógico.

Juliana Costa da Silva utiliza-se do exercício narrativo para refletir sobre **A reinvenção e adaptação docente diante de uma nova realidade**

educativa durante a pandemia. Se você, leitor, deseja conhecer a história de uma docente que ressignificou o sentido do laboratório de Ciências, que extrapola quatro paredes e inclui o estudante como ser social, histórico e autor de seus processos de construção de conhecimento, então te convidamos a ler esse instigante capítulo.

Ao longo da narrativa **A escola na pandemia: o que vivenciei em 2020 e 2021?** Janessa Aline Zappe, ao refletir sobre sua trajetória, vai tecendo um diálogo com diferentes autores e pesquisadores. A autora, além de mobilizar um processo reflexivo no leitor a partir de inúmeros questionamentos que vão emergindo ao narrar sua história, também vai revelando sua constituição e sua transformação pelo processo reflexivo movido pelo desejo de desvelar “Que escola é essa no contexto da pandemia?”

A narrativa **Minhas vivências na escola durante a pandemia do coronavírus**, de Ieda Maria Lopes da Silveira sensibiliza o leitor ao manifestar o sentimento de desvalorização de uma docente, ao vivenciar uma escola sem recursos, sem condições financeiras para investir em tecnologias. Relata a sobrecarga de trabalho e a constatação, que apesar de todos os esforços a aprendizagem ocorreu com muitas limitações.

Sobre o triênio pandêmico, Emerson Roberto de Oliveira, presenteia o leitor com um texto denso, construído a partir de uma ampla pesquisa e diálogo com diferentes autores. Sua argumentação versa sobre os impactos da pandemia no currículo da educação básica, os desafios, os sentimentos e as angústias vividas, assim como as alternativas pedagógicas criadas.

Em **Testemunhos de uma professora durante a pandemia**, Elisa Machado Milach, destaca o papel do curso de especialização Ciência é 10 no seu processo de formação e transformação em tempos pandêmicos. Utiliza-se de uma metáfora com a luz, e do diálogo com “O que a pandemia interpela a professores a professoras” de Alessandro Augusto de Azevedo para refletir sobre a importância de repensar as práticas docentes, direcionando os holofotes sobre os estudantes.

A narrativa **Como eu e minha comunidade escolar estamos realizando os enfrentamentos aos desafios da pandemia?** é tramada em diálogo com Paulo Freire, costuradas com metáforas que contemplam as suas reflexões, os sentimentos de amorosidade e solidariedade, os confrontos, as dúvidas e incertezas de Ana de Fátima Padilha Rodrigues, uma mulher, professora, filha, mãe e avó. Nessa narrativa a professora pesquisadora materializa o vivido no coletivo da escola, na sala de aula

e fora dela, durante a pandemia da covid-19, com o desejo de que todos tenham acesso à educação pública, democrática, inclusiva e acolhedora. Sejam bem-vindos e bem-vindas, boa leitura reflexiva crítica!

ANA LAURA SALCEDO DE MEDEIROS
BERENICE VAHL VANIEL
Organizadoras

**SENTIMENTOS
E REFLEXÕES
DE UMA MÃE,
DONA DE CASA
E PROFESSORA
DE CIÊNCIAS
EM TEMPOS DE
PANDEMIA**

NEIVA ALTHAUS



1. EU, PROFESSORA REMOTA EM PANDEMIA¹

Inicialmente, ouvi falar em covid-19, no início de 2020, quando surgiu como ‘uma doença grave na China com muitas mortes.’ Em 18 de março, minha cidade, Venâncio Aires parou, com o pedido de que todos os que pudessem, ficassem em casa. As escolas, fábricas, lojas e muitas indústrias fecharam. No dia 20, o prefeito decretou, por 15 dias, estado de calamidade pública, em função do surto epidêmico, no município, de acordo com o Decreto N° 6961/2020. Dia 13 de abril foi confirmado o primeiro caso de morte pela covid-19, que em Venâncio Aires, já chegamos a 134 mortos, até 29 de outubro de 2021. Como ressaltam as autoras Saraiva, Traversini e Lockmann:

[...] torna-se insone não pela hiperatividade, mas pelo medo que se instala enquanto todos se isolam em suas casas. Medo da doença, medo do desemprego, medo da falta de renda, medo da fome, medo da violência, medo de um devir que se abre sem quaisquer garantias, medo da certeza crescente de que não voltaremos a ser o que éramos. A pandemia de COVID-19 irrompe de forma abrupta para nos lembrar da fragilidade humana. Contudo, mesmo em meio a essa situação caótica, educar (não) é preciso. (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020, p. 2).

Todos imaginavam que após os 15 dias tudo retornaria ao “normal”, mas eu estava muito preocupada, pois estava grávida de 7 meses e com um filho pequeno de 7 anos, iniciando seu ensino fundamental. No Brasil e no mundo eram muitas mortes em função desse vírus e ninguém sabia de que forma se proteger, proteger seus familiares ou amigos, a única coisa que estava evidente é que não poderiam haver aglomerações.

Nas escolas, não se sabia o que fazer, tanto que o estado demorou 21 dias para determinar algo aos professores. Assim, inicialmente, devíamos encaminhar aulas à distância. Passada mais uma semana, determinaram que deveríamos organizar o aplicativo *Google Classroom* e dar aulas por vídeo chamada pelo *Google Meet*. No município, as escolas aguardaram o retorno por 60 dias. Passados estes 60 dias, começamos a encaminhar aulas para os estudantes e solucionávamos dúvidas pelo *Whatsapp*.

¹ Este artigo foi originalmente elaborado pela autora como parte integrante da monografia *O Ensino de Ciências por Investigação: Trabalhando com Atividades de Investigação sobre Gênero, Sexualidade e Lixo*, para o programa de Especialização Lato Sensu em Ensino de Ciências - Anos Finais do Ensino Fundamental - Ciência é Dez, e contou com a orientação da Dra. Carla Amorim Neves Gonçalves, do Instituto de Ciências Biológicas da FURG.

Assim iniciaram as aulas remotas em meio à pandemia, definidas como: “*atividades presenciais deveriam ser transpostas, por meio de ferramentas digitais, para um modelo de educação remota enquanto durasse a crise sanitária*” (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020).

Em 2020, o município de Venâncio não ofereceu formação para auxiliar os professores a melhorar suas aulas, já o estado obrigou os docentes a fazerem alguns cursos de formação. Para mim, a formação continuada é algo muito importante, mas senti falta de auxílio para introduzir as aulas remotas, já que as formações do estado auxiliavam pouco. Por exemplo, o uso do *Google Classroom*, a plataforma indicada, nós professores, em maioria, não a conhecíamos. Não sei como foi a sequência das formações, pois em maio entrei em licença gestante, com o nascimento do Álex.

Antes de iniciar o ano letivo de 2021 a Secretaria Municipal de Educação ofertou, aos professores, muitas oficinas para trabalhar metodologias diferenciadas com os estudantes, foram oficinas de ferramentas digitais e objetos de utilização de sala de aula. Eram de caráter obrigatório, como eu tinha 20 horas de contrato, participei de duas oficinas, uma que se tratava de montar caça-palavras e palavras cruzadas e outra com o objetivo de explorar o aplicativo Mentimeter e suas funcionalidades. Gostei muito do desenvolvimento das oficinas e inseri essas ferramentas em minhas aulas para não as tornar monótonas.

A pandemia foi algo revoltante para mim, pois sempre fui muito ativa e sem poder sair de casa, eu quase enlouqueci. Ainda mais com duas crianças pequenas e precisando atender 3 escolas. Os governos, do estado e do município, não se preocuparam em cuidar da saúde mental de nós professores. Ainda sentimos a sociedade contra a nossa classe. Os governos custaram a iniciar a vacinação dos professores. E quando reivindicávamos esse cuidado, tanto a sociedade quanto o governo falaram que “*não queríamos trabalhar*”. Muito indignante, quando me lembro das noites que passei em claro, para preparar 3 tipos de aulas diferentes, para a mesma turma, e que pouquíssimos alunos tiveram acesso. Saraiva, Traversini e Lockmann destacam como estava a vida dos professores e estudantes no ensino remoto, no seguinte trecho:

A educação remota vem trazendo questões e desafios para a Educação Básica e para a docência, mas, mesmo com todas as dificuldades, não se coloca em questão a paralisação dessas atividades. Insegurança, necessidade de adaptações rápidas, invasão da casa pelo trabalho e pela escola, ansiedade frente às

condições sanitárias e econômicas são elementos presentes no cenário atual que vêm produzindo professores em estado de exaustão. (SARAIVA, TRAVERSINI e LOCKMANN, 2020, p. 12).

As instituições escolares das quais eu fazia parte, em momento algum, se preocuparam com a saúde dos professores, tudo se resumia a cobranças. Principalmente no estado, parecia que nem era necessário dar aulas, mas obrigatório era manter as planilhas de controle atualizadas e correr atrás dos alunos para virem a escola fazer uma prova, o que ficou conhecido como: busca ativa. O descaso com os profissionais e com a educação durante 2020 foi uma vergonha, pois todos os alunos foram aprovados sem exigência nenhuma.

Fiquei muito triste com essa orientação do estado, pois durante 11 anos como professora desse segmento, sempre fui muito preocupada com os alunos que faziam parte das turmas que lecionava. Sempre tive uma relação de carinho e preocupação com os meus alunos. No decorrer dos anos letivos, eu como professora de escola pública sempre tentei trazer conteúdos contextualizados com a realidade dos estudantes. Muitas vezes, dava mais importância aos cuidados com os alunos, do que aos meus próprios filhos. Ser professora, hoje, não é só ministrar conteúdos, e sim pensar em quem é o estudante, de onde ele vem, quais as suas necessidades.

Voltando ao ano letivo de 2020, não tivemos contato físico com muitos estudantes. Essa falta de ligação deixou muitos professores doentes ou desanimados, pois não conseguimos ser professores assistencialistas. Destaco que o afeto, a amizade, e o diálogo é algo muito importante aos estudantes, pois ao irem para a escola conseguem se inserir na sociedade e desenvolver laços como se a escola fosse uma segunda família.

Eu, Neiva, não fui uma professora remota, como intencionalmente nomeiei esta seção do texto. Busquei, mesmo que a distância, enxergar meus alunos, ouvir suas necessidades, respeitar suas fragilidades, e isso, mesmo me levando à exaustão, me fez valorizar ainda mais meu fazer docente.

2. FAMÍLIA E ESTUDANTES EM PANDEMIA

Nos bairros e no centro, a pandemia foi o auge do *stress*, pois os pais deveriam manter seus filhos em casa, sem sair para lugar algum, ficando muitas vezes confinados em um terreno pequeno ou apartamento. Foi

um problema bem maior, relacionado as crianças das EMEIs, pois todas as escolinhas estavam fechadas, e os pais que deviam trabalhar não podiam deixar as crianças na casa dos avós. Houve um alto número de desempregados, porque as mães deixaram de ir trabalhar para cuidar de seus filhos, ou precisaram pagar alguma pessoa para fazer esse trabalho. Isso levou a inevitável aglomeração de crianças em casas de cuidadoras clandestinas, sem formação específica nessa área.

Já no interior, a pandemia foi mais leve, pois as crianças, por mais que não pudessem sair de casa, possuíam um lugar mais amplo para brincar. Mas as famílias também tiveram muitos problemas, principalmente por não poder deixar as crianças com seus avós. No meu caso, aconteceu isso, tive problemas, pois, quando retornei para a escola, em novembro de 2020, não tinha escolinha para meu bebe, precisei contratar uma pessoa para ficar com ele em minha casa. Isso só foi possível pois era uma pessoa amiga, que me cobrou um preço baixo, senão não teria condições.

No retorno às aulas, ainda em meio à pandemia, resolvi perguntar como os estudantes e seus familiares viveram e se sentiram na pandemia. Meus alunos relataram as dificuldades enfrentadas, e ainda destacaram que várias pessoas conhecidas faleceram ou ficaram com problemas físicos ou mentais, pois o tempo de isolamento foi muito grande. Ressaltaram, ainda, as dificuldades econômicas presentes durante a pandemia, pois muitos avós que tinham mais de 60 anos tiveram que parar de trabalhar, assim como muitos pais ou responsáveis que possuíam algum problema de saúde deveriam ficar isolados. No retorno às aulas presenciais, os estudantes, principalmente os pequenos, descreviam que *‘as mães não tinham paciência para ensinar e ajudar nos temas’*.

Já os estudantes dos anos finais do ensino fundamental, relataram dois sentimentos, um bom e outro ruim. Descreveram que era bom poder fazer as tarefas em casa quando queriam, ou nos horários disponíveis, sem se preocupar com horários para ir à escola. Adoravam ter tempo para tudo: brincar, olhar televisão, ficar no celular. Consideraram ruim ficar muito tempo no celular, ajudar nas tarefas em casa, além de ter que ajudar na lavoura. Em relação à aprendizagem, disseram que não aprenderam *‘a mesma coisa’*, porque em casa não tinham a explicação e que os parentes próximos (pai, mãe e irmãos) não tinham paciência para auxiliar nas atividades. Questionei aos alunos que trocaram de escola durante a pandemia, e eles destacaram que se sentiram perdidos

em relação aos conteúdos trabalhados, pois numa escola tinham um conteúdo e na nova, outro.

Ao questionar as mães sobre a pandemia, consegui verificar que se sentiram perdidas em ajudar seus filhos, pois muitas não tinham conhecimento sobre o conteúdo. Assim, o principal destaque foi que *‘ser mãe durante a pandemia foi muito desgastante e desafiador’*. A rotina se modificou em todos os lugares com a pandemia, inclusive nas casas dos estudantes, e o pior não foi não poder visitar ninguém e nem poder receber visitas, o principal problema foi o medo da doença e, ao mesmo tempo, a saudade que sentiam dos familiares. As mães destacaram que o acúmulo de funções foi algo desgastante. Atuar como professora, muitas vezes de mais de um filho, onde a casa se torna *‘multisseriada’*, foi um problema a ser superado, pois, além de se sobrecarregarem, as mulheres deveriam manter, tudo em funcionamento (a casa, o estudo dos filhos, seu trabalho), a mãe deveria ser forte e resistir a tudo pelos seus filhos.

Uma mãe descreveu que ser mãe foi muito frustrante, por não conseguir ser *‘orientadora, psicóloga e estudante da tecnologia para auxiliar os filhos com as tarefas escolares’*. Outro problema foi convencer as crianças que precisavam estudar em casa, não foi nada fácil, o que gerava muitas brigas para a realização dos trabalhos da escola. Em meio a todos esses desafios, dar colo e acalmar os pequenos, agradecendo sempre pela saúde e vida das crianças, fazia todas refletirem sobre o momento ameaçador que viviam.

Eu, Neiva, sou uma destas mães. Vivi cada um destes sentimentos como mãe, dona de casa, e professora remota na pandemia. Passar por problemas em casa, pois teu filho diz que *‘você só sabe dar aulas para os grandes, para mim não’* e um neném recém-nascido, com alergia a proteína do leite, foram muitas situações difíceis ao mesmo tempo, mas a mãe deve sempre se manter forte para não deixar seus filhos sofrerem e deste modo eu tentei ser durante toda a pandemia. Assim eu faço alguns questionamentos para você refletir: Por que só as mães devem ser fortes? Onde estão os pais nesses momentos? E porque eu, como mãe, professora, dona de casa, mulher não posso ser frágil, chorando quando necessário e nem sempre sendo forte, mas resistente em não abandonar um filho nunca?

A situação de isolamento da pandemia deixou muitas crianças doentes, principalmente com ansiedade, depressão e baixa autoestima. Os problemas psicológicos se deviam principalmente em função da saudade dos avós, dindos, primos, amigos, professores e colegas da

escola. E se eles sofreram e adoeceram, imagine como ficaram suas mães, seus pais e responsáveis. A frase que me chamou a atenção de um dos comentários: *'Foi o período mais difícil do meu ser mãe!'*.

3. O OLHAR DAS EQUIPES DIRETIVAS E GOVERNOS PARA A EDUCAÇÃO DURANTE A PANDEMIA

A equipe diretiva destacou que na pandemia todos saíram perdendo, os professores, por terem que trabalhar mais, fazendo diversos tipos de aula (impressas, na plataforma, e *online* no *Google Meet*). E os estudantes por não ter acompanhamento presencial dos professores, nem possuir *internet* para acompanhar as aulas *online*, ou abrir vídeos de explicação. Além disso, muitos estudantes sequer conseguiam comparecer à escola para pegar as atividades impressas, motivo pelo qual ficaram muito tempo, durante 2020, sem acompanhamento algum. Em novembro de 2021, quando as aulas presenciais voltaram a ser obrigatórias para todos os estudantes, começamos a verificar as deficiências na aprendizagem escolar destacando, principalmente, a dificuldade na leitura, escrita e compreensão (DEMO, 2020).

Minha orientadora pedagógica compartilhou comigo que não sabe quanto tempo os estudantes vão levar para ter a compreensão do que estão lendo e resolver os questionamentos sem muito auxílio dos professores. Infelizmente, o maior medo da equipe naquele momento era como seria a nota do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), pois muitos estudantes que retornaram dia 8 tiveram que fazer a avaliação dia 17 de novembro. Por trás desta preocupação com o pedagógico está a informação repassada às direções de que as escolas com avaliações ruins terão menor verba a partir do ano de 2022.

É desumano, para mim, que essas questões recaiam sobre a escola desta forma, pois, inevitavelmente, acaba transferindo o problema da não aprendizagem para os professores e direções. Quais foram os movimentos que o governo propôs no sentido de auxiliar nos processos de ensino-aprendizagem, a fim de melhorar o desempenho dos estudantes? Uma plataforma e cursos não foram capazes de diminuir o abismo entre escola e família.

Em relação aos governos, tanto municipal, estadual, e mesmo o federal, parecem não se preocupar com a aprendizagem efetiva dos estudantes. O presidente destacou que são os professores que quebram

o Brasil, assim, nota-se a importância da educação para seu projeto de governo. Já o governo estadual reestruturou a educação durante a pandemia, retirando horas dos componentes curriculares para introduzir uma disciplina que se chama projeto de vida, ou seja, os estudantes do Ensino Fundamental II devem pensar e discutir o que desejam ser, mas paradoxalmente com cargas horárias menores.

No retorno da pandemia, o governador do estado destacou que estaria ampliando as aulas das disciplinas básicas de português e matemática, mas, na verdade está modificando o tamanho da hora aula, de 60 para 45 minutos. Cabe ressaltar que o governo municipal de Venâncio Aires, mesmo tendo assumido a prefeitura no meio de uma pandemia, está tentando recuperar de alguma forma a educação, contratou professoras para aula de reforço para todo o Ensino Fundamental, que estão trabalhando em turno oposto, e está providenciando *internet* mais potente nas escolas municipais.

De tudo isso posso refletir que a pandemia trouxe muito mais do que uma crise sanitária para o país, demonstrou as fragilidades das políticas públicas para a Educação, que esbarravam na desigualdade social.

4. QUANDO NARRO, REFLITO TUDO QUE VIVEMOS NA ESCOLA EM PANDEMIA

Durante os 14 meses que ficamos fisicamente fora da escola, com aulas remotas, eu trabalhei em duas escolas municipais e uma estadual, e o contexto de atividades, aprendizagem e alcance dos alunos para o desenvolvimento da sua formação foi muito diferente. A grande maioria dos estudantes, recebiam as aulas impressas para fazer as atividades em casa. Isso implicava em que as atividades deveriam ser pensadas de forma que os estudantes conseguissem entender o conteúdo e fazê-las sozinhos. Organizar essas atividades foi muito difícil, senti que essas atividades se voltavam a um modelo de ensino tradicional, que já não era minha prática. Minhas explicações gravadas em vídeo e aulas *online* no *Google Meet* não alcançavam a maioria dos estudantes, que tinham dificuldades com acesso à *internet*. Tentei sempre trabalhar da forma mais lúdica possível e, algumas vezes, organizei experimentos ou mesmo pedi que eles demonstrassem e explicassem algum experimento sobre temas trabalhados em aula *online*. Mas, para aqueles alunos que apenas pegavam atividades impressas, foi difícil receber esse retorno.

Cabe destacar que, na maioria das vezes, o único contato com os estudantes, durante a pandemia, foi por meio do *Whatsapp*, principalmente para tirar dúvidas sobre algo, ou explicar alguma atividade que não compreenderam. Senti muita falta das conversas, principalmente para tentar contextualizar os conteúdos, ou mesmo, repassar exemplos práticos. Nestes raros contatos, pouco falávamos sobre a pandemia.

Trabalhei em três escolas públicas no município de Venâncio Aires. Na EMEF José Duarte de Macedo, os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) possuíam celular, mas não sabiam utilizar as ferramentas do seu celular para fazer as atividades propostas do *Google Classroom*, ou não possuíam *internet* para conseguir abrir essa ferramenta. Já na EMEF Coronel Thomaz Pereira, durante todo ano de 2020, os alunos receberam todas as atividades impressas. Na EEEM Crescer foi a mais desafiadora das minhas experiências da docência em pandemia. Como era uma escola de periferia, os estudantes não tinham condições para utilizar a plataforma do *Google Classroom*. Para piorar, eles também não foram buscar as atividades impressas. Isso acarretou que a maioria dos alunos passou o ano de 2020 sem nenhum acompanhamento escolar. Refletindo sobre essas questões, gostaria de trazer aqui Azevêdo (2020), que relata:

E os embates sobre as alternativas de continuidade do cumprimento do período escolar, via atividades remotas têm mostrado que, rigorosamente, elas não conseguirão alcançar ao coletivo de estudantes, dadas as abissais diferenças entre ele(a)s no acesso a redes de internet, sem falarmos nas novas condições emocionais e de existência que a crise socioeconômica está impondo a ele(a)s mesmo(a)s e seus familiares. Neste quesito, também, pode-se simplesmente dissimular os elementos constituintes da problemática, inviabilizar essas diferenças, e cumprir “formalmente” o período letivo, homogeneizando o heterogêneo, padronizando a diversidade, o que, a rigor, não é novidade, pois antes da pandemia essa lógica já era a predominante, ou seja, “normal”. (AZEVEDO, 2020, pág. 61 e 62).

Concordo plenamente com o relato de Azevêdo (2020), pois as condições vividas em tempos de pandemia, através de aulas remotas, foram muito frustrantes. Tentei encaminhar minhas aulas por diversos meios aos estudantes, muitas vezes, fazendo uma aula em três contextos diferentes, uma pelo *Whatsapp*, outra por *Classroom* e uma impressa, e verifiquei que muitos estudantes não tinham acesso a nenhuma das minhas atividades. Nesse momento, quase enlouqueci, porque sou uma

professora que me dedico e me preocupo com a aprendizagem dos estudantes. A partir desse momento, tentei modificar minha estratégia utilizando a ferramenta *Google Meet* para fazer aulas virtuais. Outro problema, pois os estudantes não tinham *internet* ou não queriam participar das aulas. Assim, vejo que as aulas remotas ficaram totalmente descontextualizadas e, na maioria dos casos, não favoreceram a aprendizagem.

Durante a pandemia, não tínhamos a real noção do contexto dos estudantes, quanto à aprendizagem, suas dificuldades para fazer ou não as atividades. Nesse contexto, me pergunto: A escola, em contexto pandêmico, conseguiu cumprir seu papel? E os estudantes conseguiram realmente aprender? Sei que os professores, raramente, conseguem alcançar todos os estudantes de uma mesma turma, mesmo em um contexto presencial. Mas, o que me chamou mais atenção, durante o período pandêmico, foi ver que em tudo tivemos perdas. Os estudantes estavam em casa, muitos com pais semialfabetizados, analfabetos, sem conseguir ajudá-los nas tarefas escolares, sem auxílio presencial de professores, ou mesmo dos colegas, para tirarem suas dúvidas. Em um contexto presencial, os professores, nem sempre, conseguem ver e acompanhar a evolução da aprendizagem dos estudantes, mas em um contexto pandêmico isso ficou exacerbado, principalmente por não receber as atividades impressas ou *online*. Nesse momento, me pergunto o que a pandemia pode ter nos ensinado? Como descreve Azevêdo (2020), quando cita as exigências pedagógicas:

Nesse contexto de pandemia, as exigências (extemporâneas ou não) de cumprimento de atividades pedagógicas em atividades à distância coloca o(a) s profissionais de educação em um patamar bastante complexo de exercício da docência, reorganizando padrões, redefinindo padrões e processos, com o risco de uma extrapolação dos níveis costumeiros de estresse em razão das (novas) situações a que estão tendo que se submeter. (AZEVEDO, 2020, p. 12 e 13).

Um ponto que deve ser destacado, pois foi amplificado durante a pandemia, são os problemas econômicos-sociais existentes, como: a desestruturação familiar, a baixa instrução, a falta de perspectivas no futuro, a pobreza (financeira e intelectual). Esses problemas não ocorrem somente em escolas de periferia, hoje, no município de Venâncio Aires, quase todas as escolas públicas atendem a população de classe média-baixa, com um público bastante vulnerável. Cabe ressaltar que os problemas anteriormente citados não são os únicos fatos que desafiam

a aprendizagem dos estudantes. Vejo que existem muitos fatores que levam ao desinteresse nos estudos, anexados à falta de acompanhamento familiar, que são as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores para conseguir manter as aulas remotas, pois, se o aluno não quisesse fazer as atividades, a escola não conseguia contato com a família.

Outro questionamento relevante que pode ser levantado é: De que forma se pode articular os currículos para alcançar a educação integral? Essa pergunta, destacando as aulas remotas e a BNCC, é algo inalcançável, pois o modo que a educação chegou aos estudantes durante a pandemia trouxe pouca aprendizagem. Que se justifica quando Azevêdo destaca:

Essa “naturalização”, ou rendição intelectual ao “normal instituído”, tem como efeito a perda do potencial crítico da reflexão humana sobre a natureza dos processos mórbidos (porque produzido por um projeto necrófilo de civilização) que geraram a crise em que nos encontramos e que foi aprofundada com a pandemia do novo coronavírus. (AZEVEDO, 2020, pág. 48 e 49).

No início de 2021, fiquei trabalhando somente na escola do interior, e esse momento foi bem difícil, pois os estudantes estavam tentando se adaptar a utilizarem a plataforma *Classroom* disponibilizada pelo município para a aplicação das aulas retomas. Em maio de 2021, retornamos às aulas presenciais, mas alguns estudantes de cada turma ainda ficaram de forma remota, num modelo que tem sido denominado, ensino híbrido. Nesta nova condição, precisei continuar tendo que preparar pelo menos duas formas de aula: para os dois contextos, presencial e híbrido, demandando mais tempo e trabalho dobrado.

Com o retorno presencial de todos os estudantes, em novembro de 2021, nós, professores, principalmente dos anos finais do ensino fundamental, tivemos que auxiliá-los em conseguir ler, compreender e interpretar o que estava sendo pedido em cada atividade, buscando verificar as principais dificuldades dos estudantes. Nos anos iniciais do ensino fundamental, o objetivo foi alfabetizar os estudantes e ensiná-los a resolver cálculos envolvendo as quatro operações matemáticas básicas (adição, subtração, multiplicação e divisão).

A pandemia foi um “chacoalhão” na educação, com seu lado bom e ruim, um dos principais pontos que quero ressaltar é a tentativa da alfabetização tecnológica, que a pandemia impôs para professores e estudantes. Pode, assim, ser destacado, que a maioria dos professores conseguiram, minimamente, usar algum recurso digital, mesmo que

por pura obrigação, talvez tenham conseguido sair de sua zona de conforto. Espero que essas ferramentas possam continuar sendo usadas no retorno da educação presencial, porém, percebo que todo esse esforço não alcançou todos os alunos e que as desigualdades ficaram ainda mais grotescas, principalmente pelo fato dos estudantes não conseguirem acesso às tecnologias. Kujawa, Pereira e Biazus destacam como a pandemia reflete na sociedade.

Partindo destes pressupostos, num primeiro momento olhamos para a necessidade emergente do cuidado que o contexto pandêmico trouxe. Os desafios que se apresentaram aos docentes e a toda comunidade escolar, como adesão a meios alternativos para seguir as atividades escolares, o uso de ferramentas digitais até então negligenciadas pelas redes de ensino e por muitos desconhecida nos leva a refletir e agir no sentido do auto cuidado que gera benefícios para toda sociedade visto que vivemos numa complexa e fascinante rede de relações. (KUJAWA, PEREIRA e BIAZUS, 2020, p.9)

Demo (2020, p. 21) destaca “*Os alunos precisam aprender, não precisam de transmissão de conteúdos*”. Concordo plenamente com Demo quando destaca que o coronavírus deveria ser utilizado para reinventar a escola, mas o que de fato aconteceu foi a reprodução da escola como já existia. Demo destaca ainda que a escola se mantém numa “*insanidade retrógrada*”. “*Crise pode até valer a pena, se dela aprendermos a aprimorar nossa autoria no mundo*”. Concordo com Demo, mas ainda não consigo interpretar a pandemia como algo bom ou ruim para a educação, sei que os estudantes precisarão rever muitas coisas para conseguir minimizar os danos causados pela pandemia, mas, no Brasil, a educação já vem com problemas de ensino e aprendizagem há várias décadas.

Como professora, sempre penso de que forma posso melhorar minhas aulas, fiz vários outros cursos de extensão e aperfeiçoamento para adaptá-las durante a pandemia. Nesse momento, faço cursos e inclusive mais uma licenciatura em pedagogia, para tentar auxiliar os estudantes em suas principais dúvidas.

Dessa forma, vejo que Demo (2020) tem razão, acho que está na hora de existir uma política educacional contínua e modificar no Brasil a forma de ensinar e aprender, pois os professores, sozinhos, não conseguirão melhorar a educação. Precisamos de governos (federais, estaduais, municipais e direções escolares) que se preocupem com as crianças e adolescentes, pensando em formas de alcançar uma educação de qualidade, como, por exemplo, a educação finlandesa, considerada a

melhor do mundo. Não sei se vou conseguir ver essa condição durante a minha vida, mas é o que eu, como professora, irei lutar, e, como mãe, desejo, principalmente para meus filhos e netos, que tenham acesso a uma educação de qualidade.

5. REFERÊNCIAS

AZEVÊDO, Alessandro A. de. **O que a pandemia interpela a professores e professoras**. 1ed. – Natal: Feitoemcasa, 2020.

DEMO, Pedro. Aprender com suporte digital. **Humanidades & tecnologia (FINOM)** - vol. 25- jul/set. 2020.

KUJAWA, Israel; PEREIRA Marciano e BIAZUS Marivane de O. Docência em tempos de pandemia: o abismo entre a realidade institucional e a realidade humana que podemos construir. In: MOURA, José A. R. de; LOPES NETA, Natércia de A. e MAYER, Leandro (org.). **Políticas públicas, educação e pandemia: os desafios impostos aos estados e municípios**. Linha Cordilheira: Schreiber, 2021. p. 8 - 21.

SARAIVA, K.; TRAVERSINI, C.; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 14 ago. 2020.

MUDANÇAS QUE A PANDEMIA TROUXE PARA A ESCOLA

NATÁLIA VIEIRA DE SOUZA SILVA



Em 2020, vivemos uma reestruturação da escola, devido à pandemia causada pelo covid-19. Tivemos que ficar de quarentena em nossos lares e buscar meios para incentivar e manter propostas de ensino que contribuíssem para as aprendizagens dos educandos. A pandemia trouxe o distanciamento social, e nesse momento, criou-se um formato de escola através do ensino à distância. Sobre este novo formato chamado de Ensino Remoto, a professora Behar (2020, *online*) afirma que,

termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico. O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus.

O ensino remoto, aconteceu em casa com a participação de educandos e educadores. No primeiro momento, a escola não estava organizada e preparada para as mudanças que estariam por vir. Neste cenário, educadores foram buscando apropriação e utilização de diferentes tecnologias para atender a diversidade de educandos. Inicialmente, na escola em que há quatro anos atuo como professora do Ensino Fundamental, utilizamos de uma página no Facebook e de um grupo no *Messenger*. Com base nesta sugestão de ferramenta, conversei com as famílias dos educandos sobre a criação deste grupo no Facebook, com a intenção de continuarmos buscando aprender juntos. A partir da aceitação dos pais, criamos o grupo do Facebook e, assim, realizamos atividades diárias. Neste mesmo grupo, assumi o compromisso de partilhar todas as informações sobre as decisões tomadas frente à pandemia da covid-19, no município de São Leopoldo-RS. No grupo, buscamos desenvolver a inteligência emocional, saúde mental, interação entre pais e filhos, além de tranquilizar em relação ao momento histórico vivenciado.

Conforme os dias passaram, ampliamos os recursos e ferramentas, utilizando o *WhatsApp*, o *Classroom* e o *Meet*. Registramos as atividades postadas no *Facebook*, ou ainda encaminhamos via *Messenger*, para que os educadores das diferentes áreas do conhecimento pudessem auxiliar e sanar dúvidas dos educandos, além de mapear e identificar casos específicos de educandos que precisavam de ajuda. Esta ajuda se expressa tanto em termos de aprendizagem e de auxílio para a realização das atividades propostas quanto no que tange ao reconhecimento dos

educandos que não tinham conta no *Facebook* e que acessavam mais facilmente outro aplicativo, como o *WhatsApp* e, nestes casos, a atenção maior a estes educandos se dava vida diálogo por *WhatsApp*. Além disso, usamos vídeos postados no *YouTube*, e os livros didáticos que os alunos tinham consigo. Também fizemos videoconferência, para nos aproximarmos. Em agosto de 2020, tivemos acesso ao *Classroom* e demos continuidade ao trabalho já iniciado, até o segundo semestre de 2021, via plataforma.

Vivenciamos uma escola em um novo formato, educandos dentro de suas casas, com a participação ativa das famílias ou não, mas cientes de que era necessário continuar aprendendo. O município tinha uma preocupação em relação à garantia de dias letivos e a minha preocupação, como professora, era, sobretudo, manter um vínculo de apoio contínuo aos educandos e famílias, por compreender que a escola é um apoio a muitas famílias. Minha busca era tentar amenizar as questões que o distanciamento social trazia e trouxe a curto e longo prazo. Nesse sentido, nosso compromisso se dava com as atividades diárias, a fim de aproximar, cuidar e colaborar, mesmo estando distante dos estudantes.

Ao produzirmos novos formatos de sala de aula, primeiramente fez-se necessário pensarmos sobre as nossas práticas atuais na produção de outros modos de ensinar e de agir na urgência, decidir na incerteza (PERRENOUD, 2002). De acordo com Libâneo (1994, p. 105),

É necessário reafirmar que todo estudo é sempre precedido do trabalho do professor: a incentivação para o estudo, a explicação da matéria, a orientação sobre procedimentos para resolver tarefas e problemas, as exigências quanto à precisão e profundidade do estudo etc. É necessário que o professor esteja atento para que o estudo seja fonte de auto satisfação para o aluno, de modo que ele sinta que está progredindo, animando-se para novas aprendizagens.

Para a reestruturação dos modos de ensinar e de aprender, atenta ao que Libâneo nos ensina, o Ensino por Investigação foi uma fonte inspiradora, importante e necessária para que pudéssemos continuar desenvolvendo aprendizagens, em um contexto tão desafiador. De acordo com Guidotti e Heckler (2018, p.13) “o ensino pautado na investigação pode ser mediador do processo formativo de professores”. Desta forma, apesar de todas as dificuldades, foi possível descobrir novas maneiras de construir conhecimentos, mediante o uso de ferramentas tecnológicas. Continuamos, em meio à pandemia causada pela covid-19, escrevendo histórias a partir do processo investigativo, que, para Paula

(2004, p. 199), levará o aluno “a compreensão das dinâmicas sociais que caracterizam as Ciências como empreendimento cultural e social.”

O processo do ensino por investigação fez a diferença no ensino remoto. Muitas das atividades propostas eram feitas a partir de uma questão-problema, onde a partir dela levantamos hipóteses, pesquisamos, retomamos e produzimos muitas aprendizagens. Muitas atividades realizadas dialogavam com o contexto de nossos lares, a fim de pensarmos e produzirmos conhecimento a partir destas realidades e, conseqüentemente, transformar os espaços que vivemos.

Para Santos (2020, p. 29), esse momento complicado em relação à pandemia e ao distanciamento social está a revelar que os seres humanos são capazes de recriar maneiras de sobreviver, ou seja, “que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”. Neste contexto de pandemia, os desafios da educação ambiental também se ampliaram, pois foi intensificada a problemática da degradação ambiental e da utilização dos recursos naturais, com destaque à maior produção e descarte de lixo. Sendo assim, minha preocupação como professora era também promover espaços de reflexão sobre esse modelo de sociedade em que estamos inseridos. Pelo Ensino por Investigação, construímos possibilidades de aprendizagem sobre os conteúdos escolares com o compromisso de que estas aprendizagens permitissem reflexões sobre a realidade local, sobre a sociedade e sobre o momento pandêmico que estávamos vivenciando.

É importante lembrarmos que vivenciamos um momento diferente daquele que entendemos como “normal”, já que a escola passou a ser os lares de cada um dos educandos e o quadro se transformou em uma tela de computador. Essa necessária condição permitiu que aprendêssemos com a realidade de cada um dos sujeitos envolvidos, na exemplificação das nossas atitudes positivas e negativas diante da sociedade e inclusive da decisão de continuarmos em nossas casas, enquanto necessária medida de proteção e compromisso com o outro.

Como educadora, desejava partir do meu trabalho para conseguir atingir os objetivos de aprendizagem junto aos educandos e, sairmos deste momento de pandemia melhores do que entramos. Minha preocupação foi manter o contato diário com os educandos e dar suporte, entendendo que a escola é importante dentro das comunidades e são espaços fundamentais para a nossa formação.

A instituição escolar mudou após a pandemia, e neste momento os educandos precisam de educadores dispostos a vivenciar novas experiências, a fim de sanar dúvidas e necessidades que vão surgindo ao longo da caminhada. Portanto, a busca por conhecimento em diferentes áreas do saber na tentativa de re-significar e colaborar com a formação social, cultural, cognitiva e socioemocional, fazem-se mais necessárias neste contexto atual pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/> Acessado em 27/07/2021

GUIDOTTI, C. S.; HECKLER, V. **Abordagens investigativas na formação de professores de ciências e matemática: interlocuções com estudos publicados no Brasil**. Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, v. 20, e 2893, 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.

PAULA, H. F. **A ciência escolar como instrumento para a compreensão da atividade científica**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

PERRENOUD, P. **A prática reflexiva do ofício de professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, abr. 2020.

VIVENDO OS DESAFIOS DA ESCOLA DURANTE A PANDEMIA

MARCELO DA ROCHA NUNES
CARLA AMORIM NEVES GONÇALVES



No final de 2019, o mundo vê o aparecimento de uma nova doença. Surgida na China, a covid-19 se espalhou pelo mundo e logo ganhou o *status* de pandemia pela OMS (Organização Mundial da Saúde). O mundo começou um isolamento e distanciamento social para tentar conter o avanço do vírus Sar-Cov-2, causador da doença. Com isso, as escolas foram fechadas e iniciou-se, assim, momentos de incertezas na educação.

Lembro-me de ter dado apenas uma aula presencial em 2020, logo no primeiro dia. Eu estava na Escola Estadual de Ensino Fundamental Almirante Tamandaré, na cidade do Rio Grande/RS. Normalmente faria uma aula de apresentação minha e da disciplina, porém, o tema da aula acabou sendo os cuidados a se tomar para evitar o contágio da covid-19. Foi uma aula totalmente improvisada para alunos das turmas das sextas séries, a pedido da direção da escola. Depois desse primeiro dia, não voltei mais para a escola para dar aula. No dia seguinte, seria minha “folga” e na quarta-feira as aulas pararam.

Naquele momento, poder ficar em casa trazia certa tranquilidade. A covid-19 era uma doença nova. Havia pouca informação confiável sobre ela. Sabíamos que era transmissível, principalmente pelo ar, e a sala de aula, por ser um ambiente com muita gente, seria um local favorável para a doença se espalhar com êxito. A tranquilidade se justificava porque eu tinha medo de pegar a doença, não só por mim, mas pela minha mãe, que é idosa e estava dentro de um dos “grupos de risco”. Se por um lado, o isolamento social trazia o alívio de se proteger do vírus, por outro, começamos a ter incertezas sobre o futuro do ano letivo. Não havia informações concretas sobre o que fazer em relação à escola. Como seguir trabalhando de casa? Como “dar aula” para alunos que não vemos e outros que ainda nem havíamos conhecido? Que estratégias devíamos seguir para dar continuidade às nossas atividades? Bem, estávamos nas mãos dos políticos e dependíamos deles para obter orientações para o trabalho.

Depois daquele primeiro encontro, só voltei a rever os alunos no segundo semestre, quase no final do ano, usando o *Google Meet*. Da mesma forma que não vi mais os alunos presencialmente, não vi mais os colegas de trabalho. Só revia os colegas em reuniões por videochamada. Havia um clima de nostalgia nessas reuniões. Estávamos habituados a reuniões presenciais, muitas delas com um clima de descontração. Agora, falando-se pela internet, a sensação era de que não éramos os mesmos. Havia um tom de seriedade nas conversas. Estávamos mais distantes um

dos outros, não só fisicamente, como emocionalmente. Foram poucas vezes que retornei à escola. Voltei duas vezes para ajudar na distribuição de alimentos e outras para pegar material para correção. Acho que devo ter revisto quatro colegas presencialmente nesses retornos. Poder rever os colegas, mesmo que poucos, já era motivo de felicidade. Isso era importante para contrastar com a tristeza de ver a escola fechada. Entrar na escola e ver as salas vazias, o ambiente silencioso e desértico, foi de grande impacto. Talvez uma das imagens mais marcantes que presenciei durante a pandemia. Foi muito mais impactante ver a escola vazia do que ver o centro da cidade da mesma forma. Eu estava acostumado com a escola repleta de gente, muitas conversas e salas cheias. Apenas nas férias tinha visto o lugar vazio, e mesmo assim já estranhava. Agora esse vazio que se fazia presente durante o ano letivo causava um desconforto. Porém, essa imagem servia como lembrete do momento crítico que o mundo estava vivendo.

O isolamento social trouxe um novo mundo e um desafio: como seguir as aulas longe da escola? Preso em casa, começamos o trabalho por meio de atividades postadas no *Facebook*. A direção solicitou que as atividades a serem postadas fossem simples e lúdicas. Foi assim o primeiro mês. O meu desafio pessoal foi elaborar um material didático para os alunos nesses moldes. Eu nunca tinha feito nada parecido. Como eu conseguiria fazer um material interessante sem conhecer os alunos e sem ter apresentado nenhum conteúdo em aula? Aos poucos fui experimentando o que fazer. Fui fazendo pequenos questionários nos quais pudessem responder com base nos seus conhecimentos de senso comum, enviei alguns links de vídeos e reportagens que achei que pudessem ser de interesse deles. Aos poucos fui conseguindo me adaptar e começar a escrever textos simples e diretos. Foram nessas atividades que a escrita começou a ficar presente no meu dia a dia.

Quando começamos a usar a plataforma do *Google Sala de Aula*, pude fazer textos mais elaborados. Agora não havia o limite de apenas uma página (ou imagem) para desenvolver o material. Mas o limite agora era de duas páginas, pois a escola precisava economizar na impressão. Pelo menos havia mais espaço e comecei a escrever textos melhores e com mais imagens. Nesse material escrito, eu trouxe uma linguagem parecida com a que eu usava com eles em sala de aula. Investi numa linguagem simples e informal para tentar facilitar o entendimento. Comecei a gostar de escrever. O trabalho era grande. Não era incomum passar 3 a 5 horas planejando um texto no qual o estudante leria em

menos de 30 minutos, mas o resultado era bom e os alunos diziam que gostavam. Eu fazia isso para evitar ao máximo usar textos prontos da internet. Acreditava que eu mesmo escrevendo meu material daria um toque de personalidade aos textos. Aos poucos fui conseguindo criar uma identidade própria ao material. Desta forma, seguimos todo o primeiro semestre, com exceção do mês de maio que tivemos férias.

No segundo semestre, começamos a usar o *Google Meet* para os encontros síncronos. Eu nunca tinha usado essa ferramenta para dar aula. Já havia falado algumas vezes por videoconferência com a escola em reuniões, mas não havia usado ainda como professor. Na primeira aula, senti como se eu estivesse recomeçando na profissão. Era uma nova forma de estar em sala de aula e era necessária outra didática. O uso da aula do aplicativo Sala de Aula e as aulas síncronas me mostraram uma realidade preocupante, a maioria dos alunos não tinha acesso a esses recursos. Já eram poucos alunos que buscavam o material impresso na escola e muito menos alunos conseguiam acessar a plataforma e as aulas síncronas. Por outro lado, reencontrar os alunos, mesmo que poucos, foi um alento para mim. Poder conversar novamente com os alunos e trocar conhecimentos, conteúdos das aulas e experiências sobre o momento de isolamento, foi muito bom e ajudou como motivador para o término do ano letivo de 2020.

A pandemia e a necessidade de isolamento deixaram evidente a desigualdade na sociedade. Foram poucos alunos que assistiram às minhas aulas *online* ou que podiam fazer as tarefas. Houve uma evasão involuntária em que muitos alunos não podiam participar das atividades escolares devido à falta de internet ou de algum aparelho para nela conectar. Havia a disponibilidade do material postado no *Google Sala de Aula* no formato impresso e isso ajudou a reduzir essa desigualdade, mas não havia interação.

Em 2021, seguimos parte do ano trabalhando por webconferências e postagens de materiais. Com o avanço da vacinação, a pressão pelo retorno das aulas presenciais por parte dos governantes ganhou força. Estávamos migrando para o ensino híbrido de fato. Esse retorno ao presencial causou um desconforto inicial. Nós, professores, ainda não havíamos tomado a segunda dose da vacina, logo, ainda não estávamos com o esquema de imunização completo e os casos ainda estavam diminuindo timidamente. Não houve o que negociar. O teletrabalho e as aulas pelo *Google Meet* foram canceladas para forçar os estudantes a voltarem para a sala de aula presencial.

Acabamos voltando para as escolas, mas encontramos salas com poucos alunos. Acho que em média tínhamos cinco alunos por sala. De certa forma, o retorno foi positivo para os alunos e para nós. Agora, poderíamos interagir e trabalhar de forma melhor e os estudantes conseguiriam tirar dúvidas sobre os conteúdos. Mesmo assim, as primeiras aulas foram diferentes do que estávamos acostumados. Era estranho não poder chegar perto dos alunos. Tínhamos que manter o distanciamento e seguir os protocolos para proteção de todos. Porém, em cada nova notícia de aulas interrompidas em alguma escola por conta de algum surto da covid-19, maior era o desconforto em relação a esse retorno.

Acredito que depois de um mês, já estávamos habituados ao ensino híbrido. O problema maior foi a mudança radical no final do ano. No início de novembro/2021 o governo ordenou o retorno de todos os alunos para o ensino presencial. Não poderíamos mais usar o Google Sala de Aula e nem poderíamos trabalhar algo diferente do que estava na plataforma. Esse retorno me pareceu inapropriado, visto que tínhamos apenas mais 4 semanas de aulas. Praticamente o planejamento que tínhamos ficou parado. Agora as turmas eram grandes e encontramos alunos em diferentes níveis de conhecimento dentro da mesma turma. Havia alunos que recém voltaram a estudar a disciplina e outros que já a tinham finalizado. Tínhamos que encontrar um jeito de poder atender todos. Esse foi o grande desafio do final de 2021: improvisar um novo planejamento há poucas semanas do fim do ano letivo.

Refletindo sobre esses dois anos, acredito que esse período de pandemia foi de muitos aprendizados, embora tenha sido desgastante. Nós, professores, enfrentamos uma nova realidade no ensino: ensinar alguém sem conhecer. O contexto inicial de isolamento fez com que usássemos novas formas de comunicação com os estudantes. Usar redes sociais, *WhatsApp* e uma plataforma para postagem de material se apresentou como possibilidade, mas não para todos. Acredito que esses anos mostraram o grande abismo que há dentro da nossa sociedade. De certa forma, o ensino continuou o mesmo, mas para poucos. Continuamos apresentando conteúdo e esperando respostas certas em troca. Houve muita facilitação para que os alunos passassem, tanto por parte da SEDUC/RS - Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul - como por nossa parte, porém seria difícil esperar o contrário, visto o andamento do trabalho. Nesses dois anos de pandemia, foram raras as vezes que senti que fiz um bom trabalho. Acredito que fiz o que foi

possível, mas longe de ser bom. Ficaram muitas lacunas e uma grande frustração em não poder preenchê-las.

**ALUNOS FORA
DA ESCOLA E
AGORA? UMA
REFLEXÃO SOBRE
A MUDANÇA
NO COTIDIANO
ESCOLAR EM
TEMPOS DE
PANDEMIA**

KAREN FLÔRES RODRIGUES



A sociedade mudou ao longo do tempo, temos, hoje, novas tecnologias às quais foram desenvolvidas e inseridas em nosso cotidiano, mostrando diversas possibilidades de acesso a informações e pessoas, de maneira rápida e fácil. Temos os computadores e os *smartphones*, associados à internet, como os principais exemplos de ferramentas que contribuíram para essa mudança.

Na educação, o processo de modernização tecnológica se mostrou mais lento, pouco se investiu em equipamentos tecnológicos, principalmente na escola pública, o que aumentou a disparidade entre a educação pública e a educação privada. O atraso na atualização das metodologias de ensino também contribuiu para a estagnação da educação, mantendo-a no modelo da Revolução Industrial¹. Onde as mesas são tradicionalmente enfileiradas, quadro negro com lições e conceitos a serem meramente copiados, os professores, de modo geral, na figura de detentores do conhecimento, o qual é passado de forma linear aos seus estudantes, enquanto estes ficam quietos escutando.

Com a pandemia causada pela covid-19, que iniciou no Brasil em 2020, e a necessidade do ensino a distância, ficou explícita a inexistência de recursos tecnológicos nas escolas, assim como a falta de “intimidade” de parte do professorado com o computador, a internet, os programas e as plataformas utilizáveis para a preparação e aplicação de aulas assíncronas e síncronas. Fez-se necessário investimentos, por parte do poder público, para dar suporte às aulas *online*, assim como um movimento dos docentes para se atualizar e repensar as metodologias anteriormente utilizadas; também da coordenação e direção escolar, para que todos os estudantes tivessem acesso ao material das aulas. Nesse sentido, no que tange às metodologias pertinentes a aulas assíncronas, foi necessária uma mudança substancial.

O ano de 2020 foi atípico, tivemos um início completamente normal, viagens de férias, carnaval, pessoas reunidas. Sabíamos de um novo vírus, chamado de Coronavírus (SARs-CoV-3) ou covid-19, mas este estava longe, ainda na China. A distância da doença, ainda caracterizada como epidemia, nos dava uma falsa sensação de segurança, a qual não existia.

A partir das notícias de novos territórios afetados pelo vírus da covid-19, assim como registro de casos no Brasil, nossa segurança sai de cena e entra a incerteza do que aconteceria no futuro. A epidemia da China passou a ser uma pandemia e estava batendo à nossa porta.

Com a iminência do Coronavírus em nossas cidades, casas, escolas, foram tomadas algumas atitudes emergenciais, dentre elas, o fechamento dos espaços escolares, para tentar conter o avanço da pandemia.

Difícilmente pensaríamos que as escolas ficariam fechadas, vazias e que não poderíamos ter alunos em nossas salas de aula. Um silêncio triste e uma preocupação pairavam no ar. Como ensinar alunos do Ensino Fundamental a distância? Como garantir o direito à educação e o direito a aprender? Como driblar a falta de recursos - tanto das escolas, quanto dos alunos e suas famílias?

Com a pandemia, foi necessário repensar o fazer docente, a gestão escolar, as metodologias de ensino, tomar decisões em um curto espaço de tempo, aprender com os acertos e, principalmente, com os erros.

No primeiro momento, foi decidido que os estudantes ficariam em casa, sem o envio de material, pois seriam somente 15 (quinze) dias de quarentena. Esse prazo foi estendido, por mais duas semanas, e a partir disso, foi decidido que as atividades seriam enviadas em grupos criados no aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp. Nos foi orientado, pela Secretaria Municipal de Educação, que estas atividades deveriam ser simples, curtas e de revisão dos conteúdos que já haviam sido abordados em sala de aula no período em que os estudantes estavam frequentando o ambiente escolar presencialmente naquele ano e no ano anterior. O retorno das atividades foi efetuado por foto, através do aplicativo WhatsApp, de forma privada, para cada professor. Assim seguiu-se por mais 30 (trinta) dias, com professores apreensivos, visto que o retorno das atividades era realizado por um percentual muito pequeno de estudantes.

Após esse período, tornou-se evidente a situação de muitos estudantes de não possuir acesso a tecnologias e à internet. Sem essas ferramentas, os alunos não tinham acesso às atividades pelos mais diversos motivos: por não possuir celular, ou o celular do familiar não suportava muitas imagens e/ou arquivos pela pouca memória presente no aparelho, por não ter disponibilidade de internet, principalmente de banda larga, etc. A partir do aumento gradativo dessa demanda, a escola passou a entregar as atividades de forma impressa para os que assim necessitavam.

Muitos alunos não realizaram as atividades, mesmo recebendo-as impressas. Alguns pareciam ter todos os recursos que lhes permitiria realizar e entregar a atividade. Mas muitos alunos, talvez a maioria, tinham outras tantas responsabilidades estando em casa, como cuidar dos

irmãos, organizar a casa, cozinhar, além de conviver com problemáticas que afetam os seios familiares: o alcoolismo dos responsáveis e o uso de entorpecentes. A escola, que antes poderia ser o refúgio, não podia mais ser acessada. Conviver em grupo, devido à pandemia, não era mais seguro.

Sem uma previsão de retorno à dita normalidade, a minha escola e seus profissionais, através do seu papel social na comunidade, organizou-se para distribuir cestas básicas para as famílias que sabíamos ser mais carentes e com muitas crianças. Pois, se antes essas crianças participavam de projetos sociais e realizavam uma refeição na escola, hoje estavam todos em casa, em um período de fechamento das escolas, das fábricas, de desemprego e de aumento de preços de itens básicos.

Com a crescente ausência de retorno das atividades, por parte dos estudantes, a escola optou por entregar as atividades impressas a todos os alunos, em forma de apostilas, uma vez por mês. Isso, tornou o retorno mais efetivo por parte dos estudantes e uma maior qualidade de trabalho para os professores, visto que a demanda de retorno pelo *Whatsapp* era imensa, cansativa, muitas vezes eram realizadas chamadas de vídeos, contato por mensagens e ligações em horários inadequados e aos finais de semana. Todos perdemos essa referência da hora/aula.

Com a apostila em posse dos alunos, alguns professores optaram por gravar vídeos explicativos e enviar para os educandos, outros, assim como eu, realizávamos aulas de 30 (trinta) minutos pelo *Google Meet* (aplicativo disponibilizado pela empresa *Google*, onde é possível realizar chamadas de vídeo e realizar a gravação das mesmas), para explicar o conteúdo e auxiliar em possíveis dúvidas. Porém, mesmo assim, havia a barreira da falta de acesso à internet de banda larga por parte expressiva dos estudantes, dificultando sua aprendizagem de forma significativa.

Visto as dificuldades dos alunos, tanto cognitivas quanto de estrutura para o ensino a distância, foi decidido realizar uma busca aos estudantes que não retornaram as atividades. Estes tiveram a oportunidade de realizar avaliações presenciais, ao final do ano de 2020, para “recuperar” o que não foi aprendido ao longo do ano. Veio, então, a orientação da Secretaria Municipal de Educação de reter somente o aluno que não realizou nenhuma atividade ao decorrer do ano e não realizou as atividades de recuperação, surgindo, a partir daí a aprovação em massa. Aprovação que não refletia o real impacto na aprendizagem ocasionado pela pandemia. Números que, de forma alguma, nos possibilitava

mensurar aquilo que foi compreendido, aprendido neste período. Assim concluímos 2020, com acertos e erros, tentando sempre o melhor.

Em 2021, acreditávamos que teríamos um ano letivo mais tranquilo e mais próximo da normalidade. Contudo, na última hora, com o avanço da pandemia, as aulas foram novamente realizadas de forma remota.

Como já havíamos vivenciado a situação de fechamento das escolas e contando com a experiência do ano anterior, a escola já estava um passo à frente, no que tange ao planejamento e tomada de decisões, para atuar nessa realidade.

Com a vivência da pandemia, foi possível observar como a interação professor/aluno, a rotina escolar, o convívio com os colegas, as diferentes interações sociais proporcionadas pela escola são fundamentais para o ensino/aprendizagem. Essas possibilidades, a pandemia nos tirou! Mas, o mais importante, a pior herança, é a defasagem na educação, na aprendizagem dos alunos.

O pouco tempo para se repensar a educação do Ensino Infantil ao Ensino Médio de forma remota, as poucas possibilidades, levando-se em consideração as estruturas escolares e a realidade da vida da maioria dos alunos da rede pública no nosso país, fez com que os alunos fossem muito prejudicados. Tenho um exemplo, na disciplina de Ciências, no 6º ano, solicitei um processo de experimentação, os quais tiveram que ser repensados, já que muitos alunos não possuem o básico em casa, o aluno não tinha uma peneira para realizar a atividade de peneiração (processo de separação de misturas), então pedi que ele pegasse um papelão e furasse que iria servir. Para uma experiência sobre energia estática, na qual seria necessário balões, eu enviei os mesmos juntos com a apostila para que todos pudessem realizar.

Os estudantes foram os que mais perderam, eles podem até não ter “perdido” o ano escolar, mas perderam aprendizagens, experiências, saberes, possibilidades. Os números podem até não terem se alterado, mas a qualidade sim!

A pandemia deixou ainda mais evidente a necessidade de a tecnologia estar na escola e ao alcance de todos. Os professores com mais dificuldade tiveram algumas possibilidades, por parte da Secretaria de Educação do município, para realizar cursos de formação na área da informática. Também estamos tendo um curso para utilização de diversos aplicativos como recurso nas metodologias de aula. Foi adquirida, pelo estado e também pelo município no qual leciono, a plataforma *Google Sala de Aula*, onde é possível inserir atividades, conteúdos, vídeos, etc. e o

aluno dá o retorno pela própria plataforma. Assim como um programa de diário de classe online para sistematização dos registros, os quais, anteriormente, eram feitos todos à mão. Também fomos contemplados com rede *wi-fi* e roteadores para que o sinal chegue a todas as salas de aula. Todavia, mesmo com essas ações, a escola e os profissionais que atuam na educação tiveram um curto período para se adaptar às tecnologias.

A pandemia acelerou o processo de informatização, evidenciou aos gestores a importância de se investir na atualização tecnológica dos espaços escolares. Com o término da pandemia, poderemos usufruir melhor destes recursos e proporcionar uma melhor prática de ensino para nossos estudantes.

Com o retorno das aulas presenciais, ao final do mês de maio de 2021, novas regras de convívio no ambiente escolar foram impostas, como, por exemplo, o distanciamento social. As crianças ávidas por interação foram, de certa forma, podadas pelo “novo normal”, estavam na escola, mas não era como antes.

O ensino híbrido trouxe ainda mais tarefas ao professor, já tão sobrecarregado, pois agora teríamos que planejar aulas para os alunos que estavam de forma presencial e para os que ainda estavam no regime remoto. Para os estudantes que não retornaram, continuamos a fazer apostilas e procedemos com a entrega mensalmente. Mas um bom professor sabe bem que o planejamento da apostila não é o mesmo que o da aula presencial.

Com o retorno, pôde-se verificar como o ensino a distância não foi eficiente para a maioria dos estudantes, os quais apresentavam defasagem de aprendizado, inabilidade de escrita, assim como uma extrema dificuldade de concentração. Se reconectar à rotina escolar não parecia ser fácil, mas, como professora, eu sabia que tinha que ser aos poucos, com pequenas doses de incentivo.

Reconstruir os laços com os alunos e com a família no pós pandemia não foi e não será fácil. Com os alunos, temos o contato, eles estão ali novamente ao alcance dos nossos olhos, mas as famílias, estas ainda estão na forma “*online*”, se comunicando pelo celular, pouco se fazendo presente na escola.

A vivência da pandemia transformou-me como pessoa e como profissional. Os desafios impostos neste período trouxeram novos aprendizados ao meu fazer docente. Compreendi como a escola é primordial no desenvolvimento social das crianças, sendo promotora

de tantas coisas além da aprendizagem, a escola é suporte, refúgio, fonte de afeto e amor. Evidenciou que o papel do professor vai além do simples ato de ensinar, de auxiliar na aprendizagem dos conhecimentos científicos, somos o carinho, o conselho, o alento, o abraço e o cuidado. A pandemia me tornou mais humana. E assim seguimos!

REFERÊNCIAS

ALVARADO-PRADA, L. E. Formação continuada de professores: alguns conceitos, interesses, necessidades e propostas. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 10, n. 30, p. 367-387, maio/ago. 2010. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2464/2368>>. Acesso em 08 nov. 2021.

Assmann, H. **Curiosidade e Prazer de Aprender** – O papel da curiosidade na aprendizagem criativa. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

BORBA, M. *et al.* **Pegada Ecológica: que marcas queremos deixar no planeta?** Brasília: WWF-Brasil, 2007, 38 p. Disponível em: <https://ecopedagogia.files.wordpress.com/2009/05/pegada_ecologica.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2020.

CONTRERAS, José. **A Autonomia do Professor**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 327 p. Tradução de Sandra Valenzuela, Revisão de Selma Garrido Pimenta. Ed. Cortez, SP, 2002. 296 p.

CORALINA, C. **Vintém de cobre: meias confissões de Aninha**. 6ª ed., São Paulo: Global Editora, 1997, p. 151.

DE PIERI, M. G. C. **A autonomia de professores**. Uberaba, s/d.

DE BEJARANO, N. R. R & Carvalho, A. M. P de. **Tornando-se Professor de Ciências: Crenças e Conflitos**. (2003).

FAVA, Rui. **Educação 3.0**: aplicando o PDCA nas instituições de ensino. São Paulo: Saraiva, 2014, p. 280.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 165 p.

MEDEIROS, A. L. S. VANIEL, B. V. **Escrita reflexiva, reflexão da ação!** s/l, 2021. **Michaelis**: Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos. 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/curiosidade>>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SÁ, E. F. et al. As características das atividades investigativas segundo tutores e coordenadores de um curso de especialização em ensino de Ciências. VI ENPEC, 2007.

Narrativas docentes:
reflexões críticas sobre os desafios, enfrentamentos e reinvenções nas práticas dos professores e professoras na pandemia

Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/vienpec/CR2/p820.pdf>>. Acesso em 09 nov. 2021.

A REINVENÇÃO E ADAPTAÇÃO DOCENTE DIANTE DE UMA NOVA REALIDADE EDUCATIVA

JULIANA COSTA DA SILVA



PALAVRAS INICIAIS

A experiência que irei relatar nesta escrita narrativa versa sobre a realidade da escola na pandemia, e toda a reinvenção e adaptação docente que se fez necessária durante este período. Relato minha trajetória e vivência frente a uma nova realidade educativa.

Diante disto, procurei enfatizar de forma reflexiva as mudanças e transformações que aconteceram e vem acontecendo no meu fazer docente. Este texto retrata aspectos do contexto de uma realidade pandêmica e dialoga com as contribuições formativas vivenciadas com a chegada do curso “Ciências é 10”, que ocorreu no momento desafiador de uma docência que se reinventava diante de uma pandemia. O C10 é um curso de Especialização em Ensino de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental, “Ciência é 10!”, que faz parte de um conjunto de cursos para formação inicial e continuada dos profissionais do magistério proposto pelo Ministério da Educação (MEC), financiado pela CAPES e ofertado pelo sistema da Universidade Aberta do Brasil (UAB).

O curso C10 apresentava como intenção oferecer ferramentas que colaborassem para uma ação dinâmica do professor no enfrentamento dos desafios que estavam no cotidiano de suas escolas e de suas salas de aula, de forma conectada à realidade da nossa sociedade tecnológica e globalizada. O curso ainda almejava que essa ação fosse acompanhada de uma visão questionadora e investigativa, em que a observação, a experimentação, a proposição de hipóteses e a análise de resultados pudessem ser estimuladas tanto para si como para os seus alunos, na compreensão de que o ensino e o aprendizado em ciências são muito mais do que o acúmulo de informações a se expor e a se reter, mas, sim, surpreendentes, instigantes e desafiadores.

Este texto foi construído com base no exercício de produção narrativa. De acordo com Clandinin e Connelly (2015, p. 18), “[...] é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias”. A forma como entendemos o mundo e as experiências e vivências que temos na vida, num determinado tempo e espaço, se tornam o ponto chave.

Ainda para Connelly e Clandinin (2000) um relato narrativo pode tomar uma direção introspectiva (considerando condições internas, sentimentos e sensações), extrospectiva (levando em conta o ambiente e as condições de existência), retrospectiva e prospectiva (movimento na

relação tempo espaço, temporalidade). Pesquisar a partir de narrativas consiste em fazer questionamentos que ajudem a compreender as quatro direções possíveis da experiência e o papel de todas elas na vida do indivíduo que faz parte de um contexto social. Me utilizo, então, do exercício narrativo para pensar sobre a construção possível da docência diante do período que enfrentamos a pandemia.

A JORNADA DOCENTE E A REALIDADE ESCOLAR

A pandemia levou-nos, de uma maneira ou outra, a refletir sobre vários aspectos de nossas vidas, sejam eles emocionais, espirituais, pessoais, profissionais, enfim, ela veio para nos ensinar e desmascarar muitas coisas. Lá em março de 2020, logo que as aulas foram suspensas, não tínhamos ideia do que viria pela frente. Eu acreditava que retornaríamos para a escola no máximo no mês de setembro, logo após nosso rigoroso inverno, quando a situação possivelmente estaria mais branda e poderíamos voltar para nossa rotina “normal”, apesar de já sabermos que teríamos um “novo normal”. Chegou o mês de dezembro e ainda com aulas remotas, e infelizmente sem expectativa de um retorno presencial para o ano letivo de 2021.

Com o início das aulas/atividades remotas em 2020 foi preciso realizar muitas adaptações, mudanças e transformações no nosso modo de planejar. Para muitos de nós as dificuldades foram inúmeras. O simples fato de resistência ao “novo”, à mudança, desencadeou sentimentos de ansiedade e insegurança em muitos colegas de profissão. Colegas esses que não utilizavam nenhum recurso tecnológico, e inicialmente tinham dificuldade para acessar recursos simples como *Whatsapp*. Alguns chegaram a pensar que não conseguiriam enfrentar a nova realidade educativa que havia se apresentado. Devido ao momento delicado e com a intenção de acolhimento, a Secretária Municipal de Educação proporcionou encontros síncronos aos profissionais da educação com profissionais das áreas de psicologia e assistência social. A Síndrome de Burnout passou a ser assunto recorrente nestes encontros. Essa síndrome também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante. O que causa grande preocupação é que esta síndrome pode resultar em estado de depressão profunda. Durante alguns encontros que participei, ouvi muitos relatos de colegas que realmente adoeceram em virtude da

pandemia. Muitos se viram perdidos diante de tantas adaptações que precisaríamos nos submeter. O próprio uso das tecnologias foi motivo de instabilidade emocional para muitos dos colegas de profissão, que sequer tinham domínio sobre o uso de computador/*notebook*, até mesmo o uso do *Whatsapp* foi penoso para muitos.

As escolas fecharam as portas. Corredores, salas de aula e pátio ficaram vazios. O que antes parecíamos fazer de forma automática, tão prática, deixando de lado muitos aspectos do cotidiano do nosso estudante, deu lugar a um planejamento no qual precisou emergir, de nós professores, um olhar voltado para o estudante como um ser integral que realmente ele é. Não que isso não tivesse que ser feito desde sempre. Mas sabemos que, na nossa rotina, muitas vezes acelerada e atarefada, onde profissionais chegam a trabalhar 60 horas semanais, infelizmente, esse olhar especial pode ficar de lado.

Ao falar dos estudantes, é indispensável considerá-los como seres sociais com histórias de vidas individuais e também lutas diárias, e o quanto estes fatores poderiam afetá-los durante a pandemia e refletir na vida escolar.

Sabemos que a realidade dos estudantes diverge bastante, e isso se tornou ainda mais notável com a pandemia. Muitos deles, com acesso às tecnologias, puderam imprimir seu material escolar em casa, a internet de boa qualidade os possibilitou assistir às aulas síncronas quando o professor se disponibilizava a fazer, uma alimentação adequada e espaço apropriado para seus estudos. Enquanto outros, e quando me refiro a “outros” na minha cidade são muitos, vivem com certas dificuldades, alguns em condições quase precárias, onde no geral as famílias são grandes, com muitos filhos. Para estes, o fato de ir à escola é motivado pela alimentação, pelo afeto recebido do seu professor e de seus colegas e, também, por se sentirem muitas vezes mais protegidos que em seus próprios lares. Uma realidade que, ainda, por muitos profissionais passava e continua passando despercebida, e que antes dessa pandemia parecia não existir.

Então, diante disso tudo, foi preciso, mais do que nunca, pensar nessas condições ao planejarmos alternativas pedagógicas. Na escola onde leciono como professora de ciências, no ano de 2020 não era orientado que fizéssemos aulas síncronas, visto que muitos não disponibilizam dos recursos adequados e necessários para isso. Mas, no ano letivo de 2021, as aulas síncronas passaram a ser liberadas para aqueles professores que se sentissem à vontade de realiza-las. Eu logo aceitei o desafio, estava

querendo muito vê-los, conhecê-los, mesmo que remotamente, mas, infelizmente, no meu segundo encontro com as quatro turmas de 6º ano que trabalho, nossa aula foi “haqueada” e a partir dessa situação, me senti desestabilizada e desconfortável, acabei desistindo e não realizei outros encontros. Continuamos trabalhando com grupos no *WhatsApp*, onde enviávamos as aulas quinzenalmente, e o estudante retornava com fotos diretamente para nosso contato, a conferência da atividade era feita e assim dávamos o *feedback*. Esta foi a forma de avaliação realizada durante o momento que trabalhamos remotamente. As dúvidas, esclarecimentos e quando os estudantes precisavam de ajuda, também aconteciam com atendimentos no privado do *WhatsApp* do professor. Tivemos aqueles estudantes que fizeram a retirada do material impresso na escola, e após finalizar a atividade retornavam com este material físico para a escola, e o professor fazia a conferência *in loco*. Muitos professores utilizavam apenas o critério da entrega da atividade, não fazendo a correção com retorno ao estudante. A qualidade do ensino público está ainda mais fragilizada com a pandemia.

Trabalho também como orientadora educacional, no período da manhã na Escola Municipal João de Deus Colares, na cidade de São José do Norte, Rio Grande do Sul, cidade em que também atuo como professora de ciências. Desde o início da pandemia o número de alunos encaminhados para atendimento psicológico aumentou consideravelmente, a pedido dos familiares, outros encaminhados pelo professor, e tivemos casos em que o próprio estudante adolescente procurou a escola e pediu ajuda. Esta mesma escola tem uma clientela muito carente, em todos os sentidos. Muito carentes de condições financeiras e outros tantos carentes de atenção, afeto e carinho.

Durante o período remoto, os estudantes estavam com uma sobrecarga muito grande de material/conteúdo/atividades que eles recebiam para fazer, ao mesmo tempo em que estavam “longe” dos professores, distante do convívio com os colegas, do ambiente escolar. Eles sentiram falta da socialização. Teremos um impacto muito grande, e alguns anos serão necessários para recuperarmos estes dois anos letivos longe da escola física, longe do convívio, das interações e trocas que tanto enriquecem nosso aprendizado.

No dia 13/9/2021 teve início o ensino híbrido na rede municipal de ensino de São José do Norte. Para que isso fosse possível, foram necessárias muitas adaptações. As aulas presenciais aconteciam em quatro dias da semana, com duração de quatro horas, sem intervalo

para recreio. Os estudantes só saíam da sala de aula para ir ao banheiro e para ir ao refeitório na hora estabelecida para merendar. Os estudantes trocavam a máscara no início do turno, ou seja, não permaneciam com a mesma máscara que haviam saído de casa, e após a merenda, fazem a última troca. Os professores borrifavam as mochilas dos estudantes com álcool 70%, antes da entrada na sala de aula, *dispensers* de álcool gel na entrada de todas as salas.

As salas de aula foram organizadas para receber um número limite de estudantes devido ao distanciamento, bem como a sala de professores que também teve determinado o número de pessoas que poderia permanecer. Os *dispensers* de álcool gel estavam espalhados por toda escola, cartazes informativos sobre uso da máscara e a higiene das mãos ficavam em lugares bem visíveis e de circulação.

Voltamos ao ensino presencial com aqueles que optaram pelo retorno e seguimos com os grupos no *WhatsApp* para aqueles que ainda não se sentiram confortáveis de voltar para o convívio escolar. Isso nos acarretou uma sobrecarga de trabalho ainda maior, dar aula presencialmente e ainda atender aqueles que optaram por não retornar. A orientação é que os estudantes que permaneceram em casa tivessem os mesmos conteúdos e atividades daqueles que estariam na escola. Trabalhamos exatamente com a mesma aula que era disponibilizada no grupo do *WhatsApp*, a diferença ficaria por conta da explicação do professor na escola, do diálogo em sala de aula, da interação dos estudantes entre si e com o professor. Mesmo quando as aulas eram somente remotas, eu sempre procurei fazer aulas atrativas, que de alguma forma, despertasse vontade nos estudantes para realiza-la. É comum, nós professores de ciências, pensarmos em aulas práticas, experimentos, uso de laboratório, quando este está disponível na escola.

Aqui em São José do Norte, a maioria das escolas da rede municipal não tem laboratório de ciências, e isso me frustrou muito quando iniciei na carreira docente. Sempre considerei importante e interessante a atividade prática para tentar aproximar mais os alunos, das relações necessárias entre teoria x prática, e tornar as aulas mais atrativas e com maior participação deles. Mas minha inexperiência como professora, as crenças e as vivências da graduação no laboratório da universidade, me davam uma visão engessada do fazer ciência na escola. Com as experiências e transformações que passamos ao longo do tempo, vamos nos transformando e passamos a ter novas percepções do nosso “fazer”.

“educar”. E com a pandemia essa visão ficou ainda mais expandida. Passei a valorizar ainda mais aquilo que nosso estudante já sabe.

Na ausência do laboratório, as atividades sempre foram levadas para a sala de aula ou no pátio da escola. Mesmo atividades nesse formato requerem dedicação, tempo e planejamento do professor. Ter o espaço físico do laboratório e equipamentos nem sempre será suficiente para trabalhar ciência. Com as aulas remotas não deixei de trabalhar com atividades práticas, mesmo que de forma simples, pois sabia que seriam atrativas para os estudantes, e que estimulariam a criatividade e senso crítico através dos questionamentos que acompanhavam essas atividades.

Meu entendimento e visão sobre o laboratório de ciências escolar expandiu através da leitura do artigo “Rumos para o Laboratório Escolar de Ciências de Borges (2002) e da live promovida pelos professores Valmir Hecker e Berenice Vaniel. A live foi uma das atividades propostas no curso C10. O “fazer e trabalhar criticamente a ciência” vai além do espaço físico do laboratório. O laboratório pode ser considerado o próprio cotidiano, e pensando nisso ampliamos a forma como percebemos os processos de aprendizagem do nosso aluno. Quando a atividade prática experimental é realizada da mesma forma como se segue uma receita culinária/roteiro, sem envolver a investigação, recai-se no ensino tradicional, na transmissão-recepção passiva do conhecimento. E dessa forma, inibe-se a curiosidade e o potencial criativo dos estudantes, o aluno precisa estar envolvido e ter participação ativa no processo.

Durante o ano letivo de 2021 vivíamos numa correria desenfreada para tentar atender toda demanda que nos era solicitada. Sem contar as burocracias a que éramos submetidos com preenchimento de planilhas físicas e plataforma *online*.

Além disso, com a pandemia a Busca Ativa dos estudantes se tornou ainda mais constante. A Busca Ativa Escolar é uma estratégia composta por uma metodologia social e uma ferramenta tecnológica disponibilizadas gratuitamente para estados e municípios. Ela foi desenvolvida pelo UNICEF, em parceria com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime) e com apoio do Colegiado Nacional de Gestores Municipais de Assistência Social (Congemas) e do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde (Conasems). A intenção é apoiar os governos na identificação, registro, controle e acompanhamento de crianças e adolescentes que estão fora da escola ou em risco de evasão.

Podemos dizer, que o Busca Ativa é um “trabalho de formiguinha”, mas com ótimos resultados, porque aproxima a escola da família, articulando possibilidades para encontrar e monitorar crianças e jovens que estejam em risco de evasão e ou fora da escola, contribuindo para o seu retorno as salas de aulas. Em outubro de 2021, no 3º trimestre, quase final de ano letivo, ainda continuávamos a receber atividades do 1º e 2º trimestre daqueles estudantes atrasados. Houve uma grande pressão nessas famílias por parte da escola, secretaria de educação e conselho tutelar. Inclusive, um número expressivo de estudantes foi encaminhado ao conselho tutelar devido ao contato feito pela escola não ter sido positivo, com o retorno esperado. Quando o contato do Conselho Tutelar também não proporciona o retorno do estudante à escola, este é encaminhado à promotoria pública, inaugurando um processo para averiguar a situação do estudante e familiar.

Com o retorno de alguns alunos para a escola é nítida a necessidade de estarmos juntos, aprendendo, interagindo e mantendo nossas trocas. E nós, professores, podemos dividir nossas angustias estando mais próximos. Ao final do ano letivo de 2021 estávamos exaustos com quase dois anos de pandemia. Mas ao mesmo tempo esperançosos para o ano letivo de 2022, a grande possibilidade de retorno ao presencial.

Foi durante esta jornada docente e diante desta realidade escolar aqui narrada que aconteceram as nossas aulas no curso C10, vivenciado em pleno contexto pandêmico. Foram tantas histórias compartilhadas e ouvidas, muitas das quais vinham de encontro com o mesmo momento que eu estava passando. Desde o adoecimento de professores e alunos, o excesso de reuniões, uso do *WhatsApp* nos três turnos para atender os estudantes, o uso excessivo do *notebook*, sem contar as várias horas ocupando uma cadeira para dar “conta” disto tudo. Foi quase impossível dar conta de tudo, e devido a isso frustrações foram frequentes. Mas é muito importante relatar momentos positivos que vivenciamos, onde pudemos perceber que muitos dos nossos estudantes foram acompanhados por suas famílias durante o ensino remoto, fato este de extrema importância naquele momento.

Durante o curso C10 os aprendizados foram muito significativos, importantes e trouxeram mudanças muito positivas para minha prática docente. A cada encontro síncrono com os colegas, professores e tutores, era possível perceber o quanto nossa prática docente é rica, professores dedicados, preocupados em fazer o melhor planejamento para seus estudantes, principalmente naquele momento em que vivíamos a

pandemia e não podíamos estar em nossas escolas. Foram muitas histórias compartilhadas, emoções sentidas mesmo de longe, através das telas do celular e *notebook*. Por meio de nossos encontros, também pudemos ver os percalços pelos quais nós, professoras e professores passamos durante nosso fazer docente, ver a escassez de recursos, e o empenho de tantas e tantos profissionais que lutam cotidianamente para propiciar uma educação digna e de qualidade às nossas crianças e jovens.

O curso me possibilitou transformações pessoais e profissionais e me fez repensar meu fazer docente. Não me considero, ainda, uma educadora que trabalha com o ensino por investigação, mas acredito que estou no caminho e quero cada vez mais avançar.

REFERÊNCIAS

BORGES, A. T. **Novos rumos para o laboratório de Ciências**. Cad. Brás. Ens. Fis., v. 19, n.3: p.291-313, dez. 2002.

CLANDININ, Jean; CONNELLY, Michael. **Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F.B.M. **Narrative Inquiry Experience and Story in Qualitative Research**. San Francisco: Jossey-Bass, 2000.

A ESCOLA NA PANDEMIA: O QUE VIVENCIEI EM 2020 E 2021?

JANESSA ALINE ZAPPE



INTRODUÇÃO

No ano de 2020, a pandemia do Coronavírus modificou a forma de viver em sociedade e a rotina da população mundial. Quase 700 mil pessoas morreram no Brasil em decorrência desta doença. Ficar em quarentena, utilizar álcool gel, sair de casa apenas para o necessário, trabalhar utilizando a internet foram algumas das atitudes incorporadas na nossa vida. O ensino tornou-se remoto, à distância, virtual, e a escola passou por inúmeras transformações. Professores e alunos, que fazem parte do sistema escolar, também viveram essas mudanças. Com a professora que escreve o presente capítulo não foi diferente: trabalho como professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, IFSul, na cidade de Charqueadas desde janeiro de 2020, um pouco antes das aulas serem canceladas em todas as escolas do país e durante o período de pandemia, além de vivenciar o caos, as incertezas e as dificuldades do referido momento, experienciei a gestação e o desafio da maternidade - a minha primogênita, Helena, nasceu em outubro de 2020.

Considerando o exposto, ao longo do texto buscarei responder à pergunta “Que escola é essa no contexto da pandemia?”, apresentando as minhas experiências nos anos de 2020 e 2021.

VIVÊNCIAS, EXPERIÊNCIAS E IMPRESSÕES DE 2020

A pergunta “Que escola é essa no contexto da pandemia?” me remeteu ao livro de José Carlos Libâneo, intitulado “Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente”. O texto do referido autor questiona se a profissão de professora perdeu o seu lugar numa sociedade repleta de meios de comunicação e informação. A resposta para esse questionamento é não. O professor tem papel essencial no contexto em que vivemos.

Muitas mudanças ocorreram no contexto da pandemia: a escola, há muito tempo, não é detentora do monopólio do saber. Essa situação veio à tona no contexto da pandemia. Há uma década, Libâneo (2010) já defendia que a escola precisa deixar de ser meramente uma agência transmissora de informação. Essa concepção da escola e do professor com viés enciclopédico, baseado no ensino verbalista, na mera transmissão de informações e no acúmulo de conhecimentos

esteve bastante associada às minhas experiências, como aluna e como professora.

Dessa forma, vivenciei a transformação da escola: acompanhei o que aconteceu em 2020, mas as minhas experiências nesse contexto iniciaram a partir de abril de 2021, pois estive em licença maternidade. Iniciei um novo trabalho em janeiro de 2020. Em fevereiro, iniciaram as aulas e em março, começou a pandemia no Brasil. A última aula que dei foi no dia 13 de março. No dia 14 de março, fiz um teste de gravidez e o resultado foi positivo. Então vivi a pandemia, a gravidez e o trabalho remoto de forma concomitante.

Com relação ao trabalho, participei de reuniões e de cursos promovidos pelo IFSul e de eventos da minha área. Além disso, trabalhei na tutoria do curso de licenciatura em Ciências da Natureza da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fiquei praticamente todo o tempo em casa, o que foi muito diferente do que eu havia vivenciado até então. Já comentei com familiares e amigos que desde que eu iniciei a vida escolar, não havia ficado tanto tempo em casa como no ano de 2020. Saía de casa para consultas médicas e exames e no quarto mês de gestação, retomei as atividades físicas fazendo pilates.

O processo de reinício das atividades em 2020 foi demorado. O IFSul divulgou editais de inclusão digital com o objetivo de oferecer condições de acesso aos alunos, em meados daquele ano. Os editais visavam disponibilizar recursos para compra ou conserto de equipamento e aquisição de conectividade, a partir de pacotes de internet.

Apenas em outubro de 2020 que as atividades letivas foram retomadas no campus de Charqueadas, mediante APNP, sigla utilizada para definir as Atividades Pedagógicas Não Presenciais. Eu havia me disponibilizado para atender os alunos de uma turma, para apresentar as plataformas utilizadas para as atividades, no início de outubro. Entretanto, tive problemas na gestação e precisei ficar internada no hospital. Minha bebê, a Helena, nasceu antes da data prevista e, dessa forma, não consegui participar da proposta inicial das APNP.

Mas como funcionaram as APNP? Os alunos tinham encontros de duas horas por dia no turno das aulas: às vezes eram duas horas de uma disciplina apenas, ou também poderiam ser duas disciplinas, com uma hora cada. Esses encontros ocorriam por meio da plataforma do *Google Meet*. Além dos encontros assíncronos, os alunos precisavam participar de atividades síncronas, ou seja, exercícios, trabalhos, provas

e construção de materiais. As atividades assíncronas ocorriam via *Modular Object-Oriented Dynamic Learning Environment*, o Moodle.

As condições que o IFSul proporcionou aos alunos com relação ao acesso e ao ensino em meio à pandemia foram diferenciadas do que ocorreu em escolas municipais e estaduais. Escrevo essa consideração, pois acompanhei as atividades remotas da escola estadual em que eu trabalhava até janeiro de 2020, em razão de participar de grupos de *WhatsApp* de turmas. Além disso, conversei com amigos que são professores de municípios da região.

O que eu vi acontecer nesse período nas escolas estaduais e municipais? Acompanhei as atividades que os professores enviaram aos alunos como forma de cumprir o ano letivo na escola estadual onde lecionava: eram inúmeros exercícios. Flores e Lima (2021) descrevem as minhas impressões: “Uma espécie de ‘pronta-entrega’ de conteúdos, sem um pensar sobre a pedagogia subjacente ao processo ou sobre os possíveis impactos dessas práticas” (FLORES; LIMA, 2021, p. 96).

Ficava, por vezes, lembrando sobre como era desafiador o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos de Química, Física e Biologia no ensino presencial, quantas vezes fazíamos exercícios, quantas explicações no quadro, quantos experimentos no laboratório de Ciências, quantas atividades de consulta na internet, quantos objetos de aprendizagem e vídeos explorados. Além disso, percebi que muitos alunos tiveram dificuldades de acesso aos materiais e que os professores precisaram transpor muitos obstáculos e um deles foi a elaboração de atividades considerando a disponibilidade dos estudantes.

Essas ideias são apontadas no artigo de Flores e Lima (2021) a partir de uma pesquisa com professores sobre os obstáculos no ensino enfrentados em razão da pandemia. Como resultados, os autores citam as dificuldades do professor no uso de recursos e plataformas digitais, a falta de apoio da comunidade escolar ao professor e a baixa adesão dos alunos às propostas.

Muitos professores não possuem fluência digital, não sabem usar ou conhecem ferramentas tecnológicas. Essa dificuldade não é recente: Libâneo (2010) já apontava como atividade docente necessária a atualização científica, técnica e cultural para o exercício do trabalho docente. Nesse sentido, dentre as opções de formação continuada, o mesmo autor cita a incorporação de TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação.

Ao mesmo tempo em que os professores enfrentam dificuldades, com os estudantes não foi diferente: escrevi anteriormente sobre conexão à internet, mas os obstáculos vão muito além disso. Azevêdo (2020), no livro “O que a pandemia interpela a professores e professoras” cita as condições de acesso às refeições diárias, “já que a pandemia põe em causa os rendimentos das pessoas, atingindo, de forma mais acentuada e cortante, as camadas sociais economicamente subalternas” (AZEVEDO, 2020, p. 7).

No IFSul, mesmo com a tentativa de disponibilizar materiais, os alunos têm vivências únicas, famílias e condições sociais bem distintas. Ter um computador não é garantia da participação e do bom desempenho dos alunos.

As dificuldades no ensino remoto foram enormes nas diferentes esferas de ensino, municipal, estadual e federal, e entendo que muitos objetivos de aprendizagem não puderam ser atingidos pelos alunos nesse processo. Não por culpa do professor ou do aluno, mas por culpa do sistema e de todas as dificuldades e desigualdades que, de certa forma, sempre existiram e se tornaram evidentes a partir da pandemia.

2021: O ANO EM QUE VIVENCIEI A PANDEMIA EM SALA DE AULA

Retomei as atividades após a licença gestante com a disciplina de Química II no curso técnico integrado em Informática. Trabalhamos o ano letivo de 2020 em três módulos de APNP, finalizando-os no início de setembro de 2021. No terceiro módulo das APNP, trabalhei nas disciplinas de Química I e Química II para os cursos técnicos integrados em Informática e Mecatrônica.

Apenas em outubro de 2021, iniciamos o ano letivo de 2021, e eu trabalhei com os alunos da disciplina de Química II nos cursos técnicos, e Química geral na Engenharia de Controle e Automação.

Antes de iniciar o relato do que eu vivenciei na escola, trago um questionamento sobre o ensino em geral: O que entendo como processo de ensino e aprendizagem e como melhorar esse processo?

Compreendo o processo de ensino e aprendizagem com base no construtivismo, que engloba as ideias de que “o conhecimento não é transmitido, mas construído ativamente pelos indivíduos; aquilo que o sujeito já sabe influencia sua aprendizagem” (MACHADO; MORTIMER, 2012, p. 22). Além disso, o processo de aprendizagem é

“um processo de comparação, de revisão e de construção de esquemas de conhecimento sobre os conteúdos escolares” (ZABALA, 1998, p. 37).

A partir do estudo sobre metodologias de ensino na minha formação continuada, há alguns anos que tento fazer mudanças na minha prática educativa, buscando mediar, interagir com os alunos, criar condições e facilitar a ação do aluno de aprender. O aluno é sujeito de sua aprendizagem, é quem realiza a ação, e não alguém que sofre ou recebe uma ação (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2007).

Fazer o aluno agir, interagir, experimentar, aprender é um dos meus maiores desafios na escola no contexto da pandemia. Os estudantes têm acesso à informação a partir de um clique nos sites de busca da internet. Entretanto, informação não é conhecimento.

Além disso, a pandemia veio para acabar com a ideia de professor como “dono do conhecimento”. A informação pode ser acessada pelos alunos na rapidez de um clique, num piscar de olhos. Entretanto, o que o aluno faz com essa informação?

Nesse sentido, considerando que a aprendizagem é um processo interno que ocorre como resultado da ação de um sujeito, como propiciar possibilidades de aprendizagem aos alunos? Como avaliar esse processo nesse contexto que vivemos?

Nós proporcionamos possibilidades de aprendizagem aos alunos ao questionar, ao explorar uma simulação, uma discussão de um tema, ao tentar inserir aquele conceito dentro de um contexto, ao associar o conteúdo de Química a um fato do dia a dia. Entretanto, esse processo não é simples. As propostas surgem via planejamento das aulas, amediante estudo, por meio da busca de materiais. Mas qual é o alcance das minhas propostas nas aulas, das minhas ações, na minha tentativa de mediar a aprendizagem? Como compreender o que os alunos estão pensando se eles não falam o que estão pensando? Como saber como está o processo de ensino e aprendizagem se não consigo enxergar os alunos, se eles não abrem suas câmeras, se eu não escuto suas vozes, se não respondem no bate-papo?

Libâneo (2010) menciona que o trabalho em sala de aula é um processo comunicacional e que envolve o uso de linguagens e capacidades comunicativas. A falta de interação, nesse sentido, influenciou muito as minhas atitudes na sala de aula no contexto da pandemia: como não tenho resposta dos alunos, as aulas foram centradas em mim. É como se eu respondesse às minhas próprias perguntas. É como se eu estivesse vivendo um conflito na docência, pois não consegui encontrar

uma maneira de aplicar o que eu entendo como correto, de transpor a barreira da passividade da prática, do silêncio por parte dos alunos. Muitas vezes, me sentia fazendo algo contra o que eu penso, contra ao que eu defendo em ensino, e poucas foram as aulas em que obtive maior interação com os alunos.

E sobre a avaliação? A avaliação faz parte do processo educativo e o desafio é fazer com que os alunos sejam autores desse processo, que apliquem os conceitos de Química em problemas do dia a dia. Dessa forma, a avaliação é mais um obstáculo na minha prática. Como fugir das cópias de questões da internet? Como propor a construção de experimentos, por exemplo, se não podemos pedir para os alunos saírem de casa no contexto em que vivemos? Ou pediria a compra de materiais para aqueles que podem não ter comida?

O que vivi em 2021 foi dual: a alegria de poder acompanhar mais de perto o crescimento e o desenvolvimento da Helena, pois permanecemos no trabalho remoto até janeiro de 2022 com o trabalho árduo de conhecer e tentar compreender mais os alunos, sem vê-los, sem escutar suas vozes, sem interagir, através da tecnologia. Informação e até conhecimento são mais acessíveis hoje, mas a interação, para o processo de ensino e aprendizagem, é essencial.

Os questionamentos sobre o que vivenciei na escola são inúmeros, e as minhas reflexões não terminam aqui, neste capítulo. As reflexões me constituem e me transformam como professora cotidianamente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. A.; **O que a pandemia interpela aos professores e professoras**. Editora Feitoemcasa: Natal, 2020. 72 p.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 364 p.

FLORES, J. B.; LIMA, V. M. R. Educação em tempos de pandemia: dificuldades e oportunidades para os professores de ciências e matemática da educação básica na rede pública do Rio Grande do Sul. **Revista Insignare Scientia**, v. 4, n. 3, 2021.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 102 p.

MACHADO, A. H.; MORTIMER, E. F. Química para o Ensino Médio: Fundamentos, Pressupostos e o Fazer Cotidiano. In: ZANON, L. B.; MALDANER, O. A. (Org.). **Fundamentos**

e propostas de ensino de química para a educação básica no Brasil. Ijuí: Unijuí, 2012. p. 21-41.

ZABALA, A. **A Prática Educativa:** Como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998. 224 p.

MINHAS VIVÊNCIAS NA ESCOLA DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

IEDA MARIA LOPES DA SILVEIRA



QUE ESCOLA É ESSA NO CONTEXTO DA PANDEMIA?

A pandemia do Coronavírus chegou e mudou a rotina de todos. Tudo aconteceu muito rápido, não esperávamos que fosse nos atingir de maneira tão intensa. Não estávamos preparados para o que viria. Na verdade, ninguém, em parte alguma, estava.

Na escola em que atuo, Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, as aulas retornariam na segunda semana do mês de março de 2020. Nos meses de janeiro e início de fevereiro, estávamos encerrando o ano letivo de 2019, recuperando as aulas interrompidas na greve dos professores da rede estadual. Na semana em que retornaríamos às aulas, houve o primeiro *lockdown* em Rio Grande, devido à pandemia do Coronavírus. Ficamos aguardando o nosso retorno às aulas presenciais nas semanas seguintes, mas isso não aconteceria.

As demandas foram surgindo, limitações que eu tinha em relação às tecnologias foram sendo superadas e, em muitos casos, além do que se esperava. Iniciei o ano letivo tendo que fazer contato com os alunos pelas redes sociais, *WhatsApp* e *Facebook*. A escola criou os grupos de *WhatsApp* das turmas para facilitar a interação dos alunos com os professores, principalmente no primeiro momento das aulas online.

No segundo trimestre de 2020, iniciei um curso de capacitação para usar as novas ferramentas *Google Classroom*, *Google Meet*, *Google Forms*, Escola RS Professor, entre outros tantos. Isso tudo, disponibilizado para professores e alunos pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

Foi necessária uma adaptação dos profissionais da educação, o que tornou nosso trabalho exaustivo. As orientações que a escola recebia mudavam a cada semana, e nós, professores, tínhamos uma demanda ainda maior de trabalho burocrático. Eu me senti desvalorizada como profissional, a escola estava sem recursos, sem suporte adequado para esse momento. Eu, sem condições financeiras para adquirir equipamentos adequados.

Foi também um período de muitas mudanças na minha rotina docente. Precisei me reorganizar, buscar novos métodos para desenvolver nossas atividades e cumprir com as demandas solicitadas pela escola, e tudo isso dentro de casa, dividindo o espaço de trabalho com os familiares.

Os professores foram sobrecarregados, as demandas são muitas, seja na preparação de material para postagem na plataforma, promoção de aulas *online*, elaboração de material adaptado para alunos sem acesso à internet e, ainda, dar suporte aos alunos pelas redes sociais. AZEVEDO (2020, p. 63), no que diz respeito a isso, menciona que:

Nesse contexto de pandemia, as exigências (extemporâneas ou não) de cumprimento de atividades pedagógicas em atividades à distância coloca o(a)s profissionais de educação em um patamar bastante complexo de exercício da docência, reorganizando padrões, redefinindo padrões e processos, com o risco de uma extrapolação dos níveis costumeiros de estresse em razão das (novas) situações a que estão tendo que se submeter.

Nesse caso, o maior beneficiado, que seria o aluno, também foi prejudicado, pois não teve acesso à informação e a todo o processo de reinvenção do professor. Como, aliás, já previa AZEVEDO (2020, p. 62) “as atividades remotas não alcançariam ao coletivo de estudantes (...)”.

A distância no “*online*” fez com que esse educando perdesse a interação com a escola e seus educadores, em face da dificuldade de acesso, motivada pela falta de condições financeiras.

Um dos desafios enfrentado por todos os professores, foi como trabalhar com alunos em vulnerabilidade social. São muitos os que não tinham acesso à internet, a um computador ou um aparelho de *smartphone*. Vários começaram as aulas online usando os aparelhos dos pais, quando tinham *internet*.

Segundo Souza (2020, p. 4), “o ensino remoto transferiu o que já se fazia na sala de aula presencial e, em muitos casos, aflorou uma perspectiva de educação instrucionista, conteudista”. Em muitos casos, existiu pouca interação dos alunos nas aulas remotas, então, se encerrava os encontros preenchendo esse tempo restante com mais conteúdo.

Durante esse tempo de pandemia, a escola também teve que se reinventar, se adaptar a um modo de trabalho favorável ao aluno com as mais diferentes necessidades, sendo no fornecimento de material físico para esse aluno desfavorecido, como também distribuindo alimentos para amenizar as necessidades básicas de sobrevivência em um momento tão sofrido para muitas famílias.

Também, no final do ano de 2020, veio a orientação para nós proporcionarmos atividades para aprovação dos alunos e, assim, evitar a evasão escolar. Esta ação teve resultado muito satisfatório, no sentido de manter o vínculo do aluno com a escola. Já nas aulas online,

a aprendizagem ficou muito deficitária, seja pela falta de internet e equipamentos adequados para os alunos, seja pelos resumidos materiais didáticos produzidos. A falta do contato professor/aluno foi um agravante: eu postava o material uma vez por semana, na plataforma Classroom, as aulas online eram de aproximadamente 40 minutos, uma vez a cada 15 dias e eram usadas para explicar o conteúdo. Tive dificuldades para motivar os alunos a assistirem as aulas e realizarem as tarefas propostas.

Cabe ressaltar que, embora o momento tenha sido de novas aprendizagens com o uso e apropriação de tecnologias, a maioria dos alunos não se sentiu atraído e não respondeu de forma esperada. A distância dificultou a aprendizagem e também evidenciou sua complexidade.

Após quase dois anos de ensino (2020 e 2021), esse modelo seguiu existindo de forma híbrida. Aos poucos, os alunos retornam às aulas presenciais. Primeiro, os alunos sem acesso à tecnologia, com normas de distanciamento. No final de novembro de 2021 o retorno presencial foi finalmente liberado. No retorno dos alunos ao modo presencial em sala de aula, foi um momento de muita afetividade. Era necessário, mais do que nunca, escutar, acolher esse aluno. Após quase dois anos de isolamento, a rotina deles estava mudando novamente e isso causou insegurança em alguns alunos, visto que a pandemia ainda exigia cuidados de prevenção, como o distanciamento, o uso de máscara e de álcool em gel. Outros estavam querendo muito voltar às aulas presenciais.

Mesmo a escola estando organizada e seguindo as medidas sanitárias necessárias, nós, professores e direção, estando vigilantes para os alunos manterem os cuidados de prevenção, em muitos momentos, alguns alunos se aglomeravam. Esse comportamento nos causava preocupação, mesmo que as taxas de contaminação do coronavírus tivessem diminuído, ainda estávamos em meio à pandemia.

Os desafios enfrentados foram muitos, nós tivemos que nos reinventar, desenvolver habilidades para uso das tecnologias que tínhamos à disposição para que até mesmo os alunos sem acesso à internet pudessem receber um material adequado e que despertasse o interesse pelos estudos, tão afetado pelo isolamento social e, principalmente, devido ao afastamento da sala de aula.

Mesmo com todos os esforços, a aprendizagem não foi eficiente. Percebemos que nossas práticas pedagógicas devem priorizar o processo

de construção do conhecimento partindo das questões de interesse do aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Alessandro, A. **O que a pandemia interpela a professores e professoras**. Natal: Ed. Feito em Casa, 2020. p 62-63.

SOUZA E.P. Educação em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Caderno de Ciências Sociais Aplicadas**. Ano VII, Volume 17, N 30 jul./dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/ccsa/article/view/7127/5030>> Acesso em 10/2021.

SOBRE O TRIÊNIO PANDÊMICO

EMERSON ROBERTO DE OLIVEIRA



INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, os olhos de todo o mundo se voltaram para a China, pois cientistas daquele país identificaram uma nova infecção humana com alta taxa de letalidade e que até então era desconhecida. Posteriormente, descobriu-se que essa doença era uma cepa variante de coronavírus, denominada desde então de SARS-CoV-2, ou, como ficou mundialmente conhecida: covid-19. Apresenta um quadro clínico variado, os infectados poderiam passar de assintomáticos a quadros graves, levando à morte em poucos dias.

No Brasil, com a LEI N° 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, foi declarada situação de emergência na esfera da saúde pública, estabelecendo frente aos governantes e gestores públicos, ações emergenciais na maioria dos setores da sociedade com a finalidade de conter o contágio acelerado da doença (Brasil, 2020, n.p.). As demandas em saúde pública para a população devido à covid-19 geraram medidas para que diminuísse o contágio como: distanciamento e isolamento social, álcool em gel e evitar aglomeração (AQUINO et al., 2020).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou o que ainda era uma epidemia em pandemia, devido à rápida disseminação (UNA-SUS, 2020, n.p.). Desta forma, com as medidas de distanciamento social recomendadas pela OMS, também seguidas no Brasil, ocasionaram o fechamento das escolas, o que estabeleceu um modelo educacional sem precedente, onde o papel das tecnologias digitais norteadas pelas metodologias de educação online, foi o grande cerne para o debate (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2020, n.p.).

Diante da suspensão das aulas, houve, conseqüentemente, um conflito além do curricular a muitos dos estudantes, pois afora não terem recebido os conteúdos e não ter o convívio social do espaço escolar, a merenda escolar fez falta a um expressivo número de estudantes que não tiveram acesso à merenda escolar, a qual todos matriculados na rede pública de educação básica possuem o direito garantido pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), os reflexos da pandemia são variados, sobretudo para a população mais carente em vulnerabilidade social, que dentre as conseqüências estão: a diminuição natural da aprendizagem, assim como da qualidade na alimentação dos estudantes. Logo, segundo a Unesco, estes problemas poderão ter reflexos por mais de uma

década, caso não sejam elaboradas políticas públicas que melhorem a infraestrutura, tecnologias, formação, metodologias, reforço da merenda, melhor aproveitamento do tempo, tutoria fora do horário usual das aulas e material adicional (UNESCO, 2020, n.p.).

O espaço escolar é de suma importância para o processo educacional dos sujeitos, onde se evidencia a atuação na formação cidadã e crítica dos mesmos, ao promover a autonomia, ao instigar direitos e deveres, assim como o auxílio ao controle das condições de saúde.

Em vista disso, fica evidente a importância da realização de estudos com o propósito de refletir os impactos no desenvolvimento do currículo do cenário educacional frente à pandemia do triênio 2020 a 2022 ocasionados pelo novo coronavírus.

Contudo, diante do exposto, torna-se essencial compreender os reais impactos da pandemia para o desenvolvimento do currículo na educação básica, os sentimentos e angústias vividas, as alternativas pedagógicas criadas, as relações professor/aluno estabelecidas, as relações escola/professores/comunidade, os quais serão abordados neste trabalho.

QUE ESCOLA É ESSA NO CONTEXTO DE PANDEMIA?

Durante o período inicial da pandemia em março de 2020, quando houve a paralização das aulas, lecionava em duas escolas da rede de educação básica: EMEF Getúlio Dornelles Vargas, da rede municipal de Parobé/RS, com a disciplina de Geografia; e EEEM Polisinós de São Leopoldo/RS, da rede estadual de ensino do Estado do Rio grande do Sul, com a disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol. Tais escolas estão descritas detalhadamente nos subcapítulos abaixo:

Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Dornelles Vargas de Parobé/RS e a pandemia.

A Escola Municipal Ensino Fundamental Getúlio Dornelles Vargas localiza-se na rua Tito Martins sob o número 280, na Vila Jardim, do Bairro Jardim, na periferia de Parobé/RS. Na qual trabalho 20 horas semanais; onde sou concursado e efetivo desde 26 de junho de 2016. A mesma abrange desde a educação infantil até o nono ano do Ensino Fundamental.

Nesta escola leciono a disciplina de Geografia para os estudantes de oito (08) turmas dos sextos, sétimos e oitavos anos, onde as aulas compreendem dois períodos semanais de 55 minutos cada um, compreendendo 20 horas semanais, distribuídos nos turnos matutino e vespertino.

Desde a virada do ano de 2019 para 2020, a mídia mostrava a preocupação com o alastramento do contágio e com as mortes ocorridas principalmente na China, pela covid-19, aonde acredita-se ser o foco inicial do contágio. Entretanto, como os casos noticiados ainda não haviam no Brasil, as aulas iniciaram normalmente sem que por aqui houvesse alguma providência das autoridades competentes.

Entretanto, o vírus se propagou e entrou em outros países, levado principalmente pela classe alta que, em viagem aos locais que se noticiava o contágio, traziam para seus países o tão famigerado vírus.

Assim, em 24 de fevereiro de 2020, se noticiou a confirmação de contágio do primeiro brasileiro pelo coronavírus. O homem de 61 anos deu entrada no Hospital Israelita Albert Einstein em São Paulo, provando que é de classe alta, recém-chegado de uma viagem à Itália, onde esteve entre os dias 09 e 21, período que aquele país também estava em um momento de franca expansão do contágio do vírus. As aulas se desenrolavam naturalmente até 11 de março de 2020, quando a OMS classificou o contágio iniciado na China como “pandemia”.

Somente a partir de então, as aulas foram interrompidas de forma abrupta e não se sabia qual seria a extensão desta paralização. Como não se tinha nenhuma preparação para este tipo de situação, todos nós estávamos desorientados. Recebíamos ordens e desordens semanalmente de como proceder e de como não proceder.

Nesta escola, se optou para um contato mais aproximado com os educandos, realizar grupos de *WhatsApp*¹, por turmas, devido a realidade econômica da maioria dos educandos, que se enquadram quase todos em vulnerabilidade social.

O grande problema é que os números de telefones celulares não estavam atualizados junto à secretaria da escola e muitos dos estudantes não acompanharam as atividades propostas nos grupos de *WhatsApp*.

1 Aplicativo gratuito que oferece um serviço de mensagens e chamadas simples, seguro e confiável para celulares em todo o mundo. Atualmente é usado por mais de dois bilhões de pessoas, em mais de 180 países, para manter o contato informal com amigos e familiares, a qualquer hora ou lugar, e pode ser utilizado de forma síncrona ou assíncrona, em especial em se tratando de mensagens.

Em parte, por pura falta de informação, mas sabemos que há também falta de interesse, das famílias e/ou responsáveis e principalmente por parte dos estudantes, pois se passou mais de ano e não foram na escola saber como se daria o andamento das aulas e/ou para atualizar os seus contatos de telefones, quando da volta às aulas, já em 2021.

Deste modo, as aulas ocorreram dentro dos protocolos de segurança, e em conversa com os estudantes, onde uma pequena minoria relatou que realizavam as atividades ofertadas nos grupos de *WhatsApp*. A grande maioria admitiu que não realizou as mesmas.

Enfim, demandará um certo tempo para que os conhecimentos construídos pelo grupo de estudantes que vivenciaram a pandemia cheguem ao nível daqueles que estavam na mesma etapa de ensino, que não passaram por tal situação pandêmica, naquele ano sério. Para chegarem ao nível de conhecimentos anterior à pandemia, será necessário desconstruir e reconstruir muitos dos hábitos de estudo. Certamente esta situação levará algum tempo, uma vez que, a maioria dos estudantes, sem poder generalizar, estavam agindo em ritmo ainda de aulas remotas, pois sabemos também, que o capital cultural dos sujeitos, interfere no entendimento às questões pedagógicas que passaram a fazer parte das contribuições da família no contexto do estudo remoto.

Escola Estadual Ensino Médio Polísinos de São Leopoldo/RS

Durante o período de pandemia também coincidiu com o do Curso Ciências é 10 (C10!). Durante as atividades do curso eu lecionava também na Escola Estadual Ensino Médio Polísinos, que está localizada na rua Dom Pedro I, número 462, no bairro Rio Branco, em São Leopoldo – RS, com o CEP: 93040- 610, pertencente à rede estadual de ensino do Estado do Rio Grande do Sul.

No ano de 2021, quando foi escrito inicialmente este trabalho, estavam matriculados 1.097 estudantes, divididos nas quatro etapas da Educação Básica:

- Estudantes Educação Infantil: 61 estudantes;
- Estudantes Anos Iniciais do Ensino Fundamental: 117 estudantes;
- Estudantes Anos Finais do Ensino Fundamental: 418 estudantes;
- Estudantes do Ensino Médio: 501 estudantes;

Nesta escola, leciono a disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Espanhol para as turmas de sextos, sétimos, oitavos e nonos anos dos Anos Finais do Ensino Fundamental, no matutino e das turmas do 1º ano ao 3º anos do Ensino Médio, do noturno, compreendendo 31 horas semanais.

A maioria das turmas têm acima de 30 estudantes, o que dificulta, dar um suporte individual para os mesmos, como o exigido dos professores que atuam com as turmas. Em Língua Estrangeira Moderna – Espanhol, a carga horária é de um período, ou seja, apenas 55 minutos por semana, em cada turma e com o ensino remoto, as dificuldades aumentaram um pouco mais. Tentou-se entrar em contato com os estudantes, mas muitos não retornaram.

A escola possui uma boa estrutura, é bem organizada, tendo ao todo 39 turmas. Sendo quatro (04) turmas de Educação Infantil, outras seis (06) turmas de Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, que são ministradas aulas no matutino, quinze (15) turmas de Ensino Fundamental dos Anos Finais, que também são ministradas no turno matutino. E o Ensino Médio conta com onze (11) turmas no turno vespertino e três (03) no noturno, sendo neste turno, uma (01) turma de cada ano.

A comunidade escolar de seu entorno é de classe média-média, pois, dos 1.097 estudantes matriculados neste ano letivo, 79 são considerados de baixa renda² um número baixo em relação a outras escolas do município e recebem, através da escola, uma cesta básica, repassada pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, devido ao período de pandemia, uma vez que estes estudantes também estão inseridos no programa Bolsa-família do Governo Federal, e estes alimentos reforçaram a alimentação familiar.

A comunidade escolar percebe a escola como lugar onde os sujeitos têm a oportunidade de se desenvolverem integralmente, onde os saberes se multiplicam, os valores se firmam e a identidade continua a ser formada.

Já a escola se vê como uma sobrevivente em meio ao caos da educação. Tentando de todas as formas chamar atenção para importância de um ensino e aprendizado crítico, oferecidos para a formação de cidadãos

2 As famílias consideradas de baixa renda e que recebem as cestas-básicas do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, são as mesmas que recebem o auxílio do Governo Federal através do Programa Bolsa-Família.

conscientes de seus direitos e deveres; capazes de lidar com suas frustrações e desejos de conviver em sociedade fora do contexto familiar.

Em relação aos governos das três esferas, a escola necessita de apoio através de recursos materiais, financeiros e humano, para conseguir meios para que os professores tenham condições de oferecer uma aula de qualidade e diversificada, com materiais diversos e inclusive com aparatos tecnológicos. A EEEM Polisinós disponibiliza Internet de Banda Larga de qualidade para todos os estudantes e professores dentro de seu espaço escolar.

A escola ainda, na pessoa de seu diretor, espera que a universidade forme profissionais qualificados em sua formação, capazes de desempenhar um trabalho em sala de aula que agregue conhecimentos especializados e diferenciados na aprendizagem dos estudantes. Porém, alguns profissionais chegam à escola totalmente despreparados, apenas com teoria, sem a confluência entre essa teoria e a prática, fundamental para que haja uma práxis de qualidade. A partir do disposto, a escola como instituição acolhe estes profissionais, que são moldados de acordo com as necessidades da escola. Igualmente, os profissionais que chegam à instituição de ensino, precisam conceber as suas próprias identidades docentes, na medida em que vivenciam os saberes e experiências produzidas, através da experiência em sala de aula.

Nesta perspectiva, o conhecimento para Fazenda (1989) ocorre com a práxis, assim, para ela a,

Práxis expressas, justamente, a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas, diversa no processo de conhecimento: a teoria e a ação. A reflexão teórica sobre a realidade não é uma reflexão diletante, mas uma reflexão em função da ação para transformar (FAZENDA, 1989, p.81).

Para o diretor da EEEM Polisinós de São Leopoldo,

Alguns profissionais da educação, chegam à escola somente com a formação teórica e a práxis pouco desenvolvida. Acredito que se faz necessário que os estudantes, de graduação, mestrado e até doutorado, sejam mais experimentados pela academia, com a prática de sala de aula. Através do contato real, com os discentes, principalmente do Ensino Fundamental. (Diretor Polisinós, 2021, n.p.).

A universidade traz a necessidade de um estudo sistêmico e focado em determinada área do conhecimento, e assim, contempla os interesses em vários campos da educação intrínseca dos estudantes,

oportunizando sua qualificação e respectivamente lhes dando novos subsídios às suas aulas e para viverem criticamente suas vidas, agora e no futuro, tornando-se assim, cidadãos conscientes de seus direitos, mas, sobretudo, de seus deveres, para com a sociedade, em que vivem.

Escola Estadual Ensino Médio Polísinos de São Leopoldo/RS e a pandemia.

Na EEEM Polísinos de São Leopoldo, a paralização das aulas ocorreu do mês de março a junho de 2020, quando o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, implementou o uso da plataforma do *Classroom* do *Google*³, para as aulas remotas da rede estadual.

Em um primeiro momento, houve muita resistência, principalmente dos colegas mais antigos, pois estavam, naquele momento, desatualizados quanto às tecnologias digitais. E é claro que o novo sempre tem alguma resistência de implementação.

Na primeira fase de implementação da plataforma de ensino, os docentes receberam qualificação necessária através de cursos e vídeos tutoriais, via Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS) e da empresa contratada, que disponibiliza a plataforma de ensino supracitada para o uso das aulas remotas. Porém, logo ficou evidente que esta qualificação não foi o suficiente e as angústias começaram a aparecer. Nós como professores, daremos conta de nossas obrigações? Alcançaremos os objetivos mínimos almejados? Alcançaremos os estudantes? Eles têm infraestrutura e os equipamentos necessários para a realização das aulas remotas? Eles terão interesse nas aulas remotas? Creio que qualquer professor que passou pelo período das aulas remotas teve estes questionamentos, entre outros, em sua rotina.

Após duas semanas, foi a vez dos discentes recebem o e-mail institucional para a o acesso à plataforma do *Classroom* e a sua devida qualificação para o uso da mesma. Entretanto, esta caminhada não foi fácil, já que um grande número de estudantes não acessou a plataforma. Seja por falta de interesse do discente, ou de seus pais e/ou responsáveis, seja por falta de acesso à Internet, ou mesmo por desconhecimento da forma de utilização, ou ainda por não ter o aparelho para a visualização.

³ O *Classroom* do *Google* ou simplesmente *Google* Sala de Aula é uma plataforma central de ensino e aprendizagem. Nossa ferramenta segura e fácil de usar ajuda os educadores a gerenciar, medir e enriquecer a experiência de aprendizagem.

Neste ponto, o Governo do Estado tentou minimizar o problema, assumindo o pagamento de plano de Internet para docentes e discentes, para uso em aparelhos de telefonia móvel, ou seja, celulares. Todavia, em alguns casos, esta medida não surtiu efeito, uma vez que alguns dos discentes moram em zonas da cidade onde a qualidade do sinal de Internet dos aparelhos móveis não é boa, ou simplesmente não existe.

Desta forma, para estes discentes, foi oferecida a oportunidade de retirada de materiais impressos na escola, porém, foram poucos os que se dispuseram a ir até a mesma para a retirada e menos ainda para a devolutiva dos conteúdos disponibilizados.

Nesta perspectiva e de acordo com a análise da equipe diretiva da escola, no ano de 2020 na EEEM Polisinós, 88%, dos discentes possuíam o acesso à plataforma do *Classroom*, contudo, nem todos os estudantes, realizavam o acesso. Analisando um recorte das turmas em que sou o professor titular, o acesso ficou em torno de 93%. Mas, se forem consideradas todas as turmas da escola, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, a frequência cai para um índice em torno de 67% dos estudantes que acessam regularmente a plataforma de ensino. Este percentual representa todos os discentes que acessaram ao menos uma vez, alguma das disciplinas e não reflete a frequência e sequência regular das disciplinas ofertadas em cada ano ou turma da Educação Básica.

Assim, 12% dos estudantes não acessam a plataforma e 2,5% estavam retirando as atividades impressas na escola, este último percentual representa 27 estudantes, do universo de 1.097 matriculados em 2021.

A prática docente antes e depois da pandemia

A prática pedagógica docente comumente é questionada, e os docentes atualmente se sentem cada vez mais acuados, taxados inimigos das famílias, às vezes, simplesmente por pedirem a presença da mesma na escola, para que estejam cientes do desenvolvimento ou das dificuldades dos estudantes. Sem contar que, durante a quarentena e o recesso das aulas, os docentes foram considerados, por parte da sociedade, como “vagabundos que não querem dar aula”.

Por mais que tente, a escola percebe que nunca é boa o bastante para as novas gerações. Muitos já cultivam o pensamento de que a escola serve apenas para ler e escrever, pois o desenvolvimento tecnológico, a difusão da informação através dos ambientes virtuais, de mecanismos

de busca, está disponível a quase todos a qualquer momento e, assim, aprendendo o mínimo, o restante se busca ali na Internet.

Na percepção dos docentes, mais do que nunca, o ato de ensinar está em xeque-mate e é preciso a união de esforços de todos: professores, equipes diretivas, entidades governamentais ligadas à Educação, das três esferas, comunidade escolar, sociedade, mas principalmente do estudante.

Percebe-se também um número considerável de professores um tanto desmotivados, desanimados e sem nenhuma perspectiva de melhoras na área da educação, onde alguns deles relataram que estão tentando sair da profissão. Entretanto, a iniciativa privada também tem seus desafios, ainda mais para quem está acima dos 40 anos, sem generalização, mas sabemos que os profissionais com idade superior a quatro décadas têm mais dificuldades de inserção no mercado de trabalho formal. Enfim, para a Educação dos dias atuais, é necessário haver muita vocação e vontade de continuar a aprender e a ensinar, além de estudos constantes e coragem para enfrentar os desafios da profissão.

Esta situação se agravou diante das aulas remotas, pois cerca de 60% dos colegas da EEEM Polísinos possuem idade superior aos 50 anos e estão se encaminhando para a aposentadoria. A maioria desses não possuem a destreza necessária para fazer aulas remotas que chamem a atenção dos estudantes e, pior, alguns dizem que não irão utilizar métodos tecnológicos, indo na contramão da história e deste tempo tão diferente.

Já na EMEF Getúlio Dornelles Vargas, as turmas estavam divididas em grupos, enquanto o grupo um (01) estava em casa, os estudantes do grupo dois (02) estavam na escola e na semana seguinte os grupos se invertiam. Além do grupo três (03), composto de estudantes, em que as famílias optaram por não enviarem até a escola e estavam sempre em aulas remotas.

Na EMEF Getúlio Dornelles Vargas, a quantidade de estudantes por turmas gira em torno de 20 a 25. Já na EEEM Polísinos, as turmas são bastantes diversificadas. Assim, o número de estudantes por turmas é dimensionado pela metragem das salas de aulas, de acordo com normativas do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. A quantidade varia de 25 a 35 estudantes por turma, alterando o ritmo do rodízio na escola. Assim, algumas turmas podem ter, no máximo, oito (08) estudantes presentes nas aulas, enquanto outras podem ter 12 estudantes em sala de aula a cada vez, dependendo da metragem da mesma.

A prática pedagógica anterior à pandemia era literalmente mais prática, ao menos nestas duas escolas, pois havia o contato e a interação entre os estudantes e professores, onde eram realizados passeios para estudos de campo, principalmente na EMEF Getúlio Dornelles Vargas. Agora, com as aulas remotas e com o rodízio dos estudantes na escola EMEF Getúlio Dornelles Vargas, as aulas ficaram menos atrativas, pois giram em torno do Livro Didático com leitura e cópia e a própria cópia do quadro, além de rodas de conversas e de aulas expositivas. Mas, passeios para saída de campo e práticas de interações entre os estudantes estão proibidas, por questões protocolares de enfrentamento à pandemia. Tudo aquilo que se criticava, agora virou praxe, disfarçados em protocolos sanitários.

Nesta escola, devido à vulnerabilidade social da maioria dos estudantes, nós professores não podemos utilizar das tecnologias digitais, porque grande parte deles não acessariam as aulas, por não terem acesso à Internet. Nos foi pedido para não enviar nem um simples *link*⁴ para acesso a uma atividade *online* ou mesmo um vídeo do *YouTube*⁵. Podemos enviar nossos conteúdos apenas em *PDF*⁶ e um pequeno vídeo semanal explicativo sobre o conteúdo disponibilizado, mas que não pode passar de dois minutos.

O material em *PDF* e o vídeo são disponibilizados no grupo de *WhatsApp* da turma, onde um número considerável de estudantes que estão em aulas remotas não realizam as atividades propostas e simplesmente saem do grupo da rede social escolhida para o repasse dos conteúdos. Deste modo, a equipe diretiva precisa adicioná-los constantemente, porém, alguns voltam a sair do grupo. Sem contar com a troca seguida de número de telefones por parte dos estudantes seus familiares e/ou responsáveis legais.

Outra situação, é que a grande maioria destes estudantes não possui telefones celulares próprios, utilizam de formas compartilhada com seus familiares e/ou responsáveis legais adultos, que normalmente levam

4 Segundo o *Oxford Languages and Google*, *link* é um elemento de hipermídia formado por um trecho de texto em destaque ou por um elemento gráfico que, ao ser acionado (ger. mediante um clique de *mouse*), provoca a exibição de novo hiperdocumento.

5 Plataforma de distribuição de vídeos na Internet.

6 O *PDF* é um padrão aberto mantido pela International Organization of Standardization (ISO). Os documentos *PDF* podem conter links e botões, campos de formulário, áudio, vídeo e lógica de negócios. Eles podem ser assinados eletronicamente e exibidos facilmente no *Windows* ou no *macOS* usando o *software* gratuito *Acrobat Reader DC*.

para os seus trabalhos. Sem contar com as famílias que possuem três (03), quatro (04), cinco (05) ou até mais filhos na escola. Dificultando ainda mais a realização das atividades através de um telefone celular apenas.

Os estudantes nos contaram, também, que muitos não têm acesso à Internet, já que o município não realizou nenhuma parceria, como o Governo do Estado, que disponibiliza acesso a rede mundial de computadores a professores e estudantes.

Na EEEM Polisinós, a prática é mais fácil, no sentido de que podemos utilizar a plataforma do *Classroom*, com atividades *online* realizadas em aplicativos e sites como *Kahoot*⁷, *LeaningApp.org*⁸, *Padlet*⁹, *ISLCollective*¹⁰, entre outros, saindo das aulas tradicionais e quase que insuportáveis de atividades de cópia da lousa ou do Livro Didático e respostas no caderno, as quais imperam na EMEF Getúlio Dornelles Vargas.

Através dos aplicativos supracitados, é possível realizar uma infinidade de atividades interativas e o professor tem a opção de edição de uma atividade já existente ou adequá-las ao conteúdo que está sendo trabalhado, ou ainda criar uma atividade totalmente nova.

Destes supracitados, o aplicativo que mais utilizo é o *LeaningApp.org*, pois dispõe de inúmeras atividades como: caça-palavras, cruzadinhas,

7 O *Kahoot!*, plataforma norueguesa que é usada por professores da educação infantil ao ensino superior na hora de criar questionários interativos, agora também conta com um jogo em português para apoiar a alfabetização.

8 *LearningApps.org* é um aplicativo da *Web 2.0*, para suportar processos de aprendizado e ensino com pequenos módulos interativos. Esses módulos podem ser usados diretamente em materiais de aprendizagem, mas também para auto-estudo. O objetivo é coletar blocos de construção reutilizáveis e disponibilizá-los para todos. Os blocos (chamados de Apps) não incluem estrutura específica ou cenário de aprendizado específico. Os blocos, portanto, não são adequados como lições ou tarefas completas, mas devem ser incorporados em um cenário de ensino apropriado.

9 O *Padlet* é uma ferramenta online que permite a criação de um mural ou quadro virtual dinâmico e interativo para registrar, guardar e partilhar conteúdos multimídia. Funciona como uma folha de papel, onde se pode inserir qualquer tipo de conteúdo (texto, imagens, vídeo, *hiperlinks*) juntamente com outras pessoas.

10 A "*Internet Second Language Collective*"! É uma comunidade de professores de PLE de todo o mundo que partilha os próprios materiais e recursos pedagógicos! O *site* destina-se a todos os professores de Língua Portuguesa– Língua Estrangeira, para ensinar em escolas ou trabalho de tutoria de forma partilha e é 100% gratuito descarregar materiais pedagógicos. O usuário pode descarregar fichas de trabalho ou carregar o seu próprio material em formatos *MS Word doc/docx* e *ppt/pptx*.

múltipla escolha, completar espaços, memória, jogo do milhão, corrida de cavalo, classificação em grupos, entre outros.

Além disso, em minhas aulas de espanhol, utilizo uma função que lê o que está escrito. Por exemplo, utilizo as imagens das bandeiras dos países de língua espanhola e escrevo o nome do país, porém, o aplicativo transforma a escrita em áudio e os estudantes ouvem o nome do país a qual pertence a bandeira. Assim, para concluir a atividade, devem juntar a imagem da bandeira com o áudio do nome do país. E o melhor de tudo é que este aplicativo, diferentemente dos outros, é completamente ilimitado e gratuito.

Particularmente já conhecia o *Kahoot*, antes da pandemia, e realizei algumas atividades com ele. Tinha uma rotina esporádica com este aplicativo, porém, para a sequência de utilização, precisei assinar um plano anual que não é barato para os padrões de professores brasileiros da Educação Básica, ao preço de R\$ 129,99.

Nesta perspectiva, a pandemia me fez desacomodar e procurar novas alternativas de atrair os estudantes para as aulas. Especialmente os da EEEM Polisinós, que mandam mensagens quando gostam das atividades *online* que foram propostas, para aquela semana ou conteúdo.

É preocupante e, ao mesmo tempo, me sinto gratificado, quando recebo essas mensagens com o conteúdo dizendo que sou o único professor da escola que realiza atividades *online*, com os aplicativos já citados, na escola. Como por exemplo, de um estudante do sétimo ano, que dizia: “– Bem legal esta atividade profe, pena que é somente o senhor que faz desta maneira, os outros é somente texto e resposta, obrigado!”

Preocupante, porque já havia disponibilizado diversas vezes esses materiais, *links* e tutoriais para os colegas, mas parece que estes não entenderam que a plataforma *Classroom* carece de nós, professores mudarmos nossas práticas. Não adianta termos disponíveis as tecnologias digitais para utilizarmos se não as aplicamos em sala de aula. Este não entendimento vem, claramente, da falta de tais tecnologias digitais no cotidiano da maioria destes colegas em suas práticas de sala de aula. E não será de uma hora para outra, que se atinge um bom nível de entendimento e uso das ferramentas digitais, pois a caminhada é longa e, às vezes, até frustrante. Porém, se o sujeito iniciar nestas práticas e for persistente, as recompensas serão fantásticas para a vida profissional, acadêmica, assim como para a particular do docente, pois as descobertas são permanentes.

Relato isso por experiência própria, uma vez que, além de estudar desde 2009 por plataformas digitais, também estudo as tecnologias digitais para inseri-las em minhas práticas pedagógicas, tenho a percepção que, na maioria das vezes, os resultados são mais gratificantes que os resultados obtidos de forma tradicional.

Sentir-se gratificado, fica por conta que me esforcei ao máximo para tratar de fazer aulas atrativas e, ao mesmo tempo que os estudantes aprendessem algo na disciplina minimizando as perdas no processo de aprendizagem. Alguns deles reconheceram este esforço, e isto foi dando alento para eu continuar a realizar estas atividades, mesmo que eu tenha que dispensar mais do meu tempo para pesquisar, elaborar e produzi-las.

Em 2022, houve um avanço na rede municipal de Parobé/RS quanto ao emprego de tecnologias dentro de sala de aula, uma vez que a mantenedora enviou para a escola 25 Chromebooks, que são utilizados por turmas desde a Educação Infantil até o nono ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental, mediante reserva prévia do professor. Da mesma maneira, o Laboratório de Informática foi, aos poucos, reequipado, com alguns computadores novos e outros foram reconfigurados e a partir do segundo semestre, também poderão ser agendados pelos professores, para utilização de suas turmas.

Entretanto, na rede estadual, percebe-se uma subutilização da plataforma digital de ensino do *Classroom*. Já que, depois do retorno às aulas presenciais e sem os rodízios, que limitavam o número de estudantes por sala de aula, muitos professores abandonaram a plataforma de ensino e voltaram às aulas tradicionais. Uma pena, pois a tecnologia está disponível e, não somente os professores, mas também os estudantes, têm resistência de utilizar a plataforma, agora com as aulas estando normais.

Quanto à questão alimentar, na rede estadual, o governo do Rio Grande do Sul, manteve o mesmo padrão de antes da pandemia, mas na rede municipal de Parobé, seguidamente os estudantes reclamaram que, ao menos duas vezes na semana, somente há bolacha com leite, indo na contramão da recomendação da Unesco de reforço na alimentação escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia do triênio 2020 a 2022 trouxe-nos imensos desafios, especialmente na área da Educação Básica, onde, hoje, sabemos que o processo de ensino e aprendizagem ficou muito fragilizado, principalmente na educação pública, sobretudo para as populações em vulnerabilidade social, que, para além do aprendizado, sofreram e ainda sofrem com a restrição de produtos, inclusive de alimentos. Estas situações foram agravadas por diversificados motivos, como a própria crise relacionada com a covid-19, aumento dos preços devido aos baixos níveis de estoque no mundo, inflação e até a influência da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, com o aumento do petróleo, adubos químicos, entre outros.

Na área educacional, a pandemia acelerou o processo de utilização das ferramentas digitais em sala de aula e veio nos desacomodar. Tivemos que nos reinventar na arte de sermos professores, obviamente, como todo processo de evolução, alguns não conseguirão acompanhar e ficarão pelo caminho. Dúvidas, inquietações, as relações entre todos os atores do espaço escolar... Houve altos e baixos, mas sobrevivemos.

Nesta perspectiva, a inclusão de tecnologias digitais em sala de aula é um caminho sem volta, e as aulas híbridas, *online*, ou com um contexto tecnológico digital, nas quais ainda estamos engatinhando, foi e será um caminho preciso para um desenvolvimento, e engajamento não somente dos professores, mas, dos estudantes, das equipes diretivas, dos gestores públicos, da sociedade em geral, de mantenedores das três esferas, municipais, estaduais/distrital e federal. Fazendo cumprir a Constituição Federal e a Lei nº 13.005/2014, através das Metas do Plano Nacional de Educação (PNE), que obriga o governo federal, do distrital, dos estados e dos municípios a garantirem planos de carreira e remuneração condizente para os profissionais da educação escolar básica pública. Porém, o que se percebe é uma dura realidade de quase perseguição ao magistério, com defasagem salarial, retirada de direitos e planos de carreira desarticulados. Enfim, o Rio Grande do Sul, durante muito tempo esteve na vanguarda da Educação no país, hoje, infelizmente, encontra-se em um patamar bem mais abaixo que outros estados. E a pandemia expôs esta situação ainda mais.

Não há dúvidas, que a pandemia veio revolucionar a educação no mundo, no Brasil, na rede estadual de ensino do estado do Rio Grande do Sul, com a utilização do *Classroom* como ferramenta educacional, ou

mesmo na rede municipal de Parobé/RS, que estava bastante defasada, quanto à utilização de tecnologias dentro da sala de aula, assim como as relações entre todos os atores envolvidos na área escolar. Mas não é somente de tecnologias digitais que a Educação está carente. Está carente de afeto, de responsabilidade, de comprometimento, de condições de trabalho e estudos, de salário justo, entre outras demandas.

Quanto à utilização do *Classroom*, nas escolas da rede estadual, ainda não sabemos se esta iniciativa é a melhor ou o que na verdade está por detrás da utilização desta ferramenta. Se o Governo do Estado do Rio Grande do Sul, pretende “privatizar” o ensino, já tem meio caminho andado.

Igualmente, a pandemia fez com que a “revolução educacional”, fosse acelerada e que essa cultura digital, que tivemos que aprender por força da ocasião, se adiantou em pelo menos uma década. O problema é que, mais uma vez, nem todos foram contemplados com esta iniciativa, seja por falta de condições financeiras para ter uma boa Internet e aparelhos adequados à utilização, seja pela falta de interesse, tanto de discentes quanto de seus familiares e/ou responsáveis legais e, até mesmo, pelo desinteresse de um número considerável de professores em contribuir para a implementação das tecnologias no âmbito da Educação Básica, das redes públicas de ensino.

Contudo, durante a pandemia, que ainda persiste, muitas vidas foram perdidas para a covid-19 e precisamos celebrar os que conseguiram sobreviver, porém, na Educação, nem todos conseguiram se adaptar a este novo ciclo e estão saindo desta área de atuação, não por serem incompetentes na arte de lecionar, mas, por não terem a habilidade de dialogar com as tecnologias. Precisamos refletir sobre isso também. Não somos máquinas, erramos pela simples condição humana e precisamos que as esferas públicas não se omitam de suas atribuições e nos dêem condições de trabalho, inclusive, formações efetivas e condizentes para estes novos tempos.

REFERÊNCIAS

Adobe Acrobat. **O que é PDF?** Disponível em: <https://www.adobe.com/br/acrobat/about-adobe-pdf.html>. Acesso em: 20 jul. 2022.

AQUINO, E.M.L et al. (2020). **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: Potenciais impactos e desafios no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/medidas-de-distanciamento-social-nocontrole-da-pandemia-de-covid19-potenciais-impactos-e-desafios-no-brasil/17550>. Acesso em 20 de jul. 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Versão Final. 2017.

_____. **Lei Federal nº 11.947, de 16 de junho de 2009.** Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica; altera as Leis nºs 10.880, de 9 de junho de 2004, 11.273, de 6 de fevereiro de 2006, 11.507, de 20 de julho de 2007; revoga dispositivos da Medida Provisória nº 2.178-36, de 24 de agosto de 2001, e a Lei nº 8.913, de 12 de julho de 1994; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11947.htm. Acesso em 23 jul. 2022.

_____. **Lei Federal nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020.** Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/13979.htm. Acesso em 23 jul. 2022.

FAZENDA, I (org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 1989

Google For Educacion. **Classroom** – Ensino e aprendizagens mais integrados. Disponível em: https://edu.google.com/intl/ALL_br/products/classroom/?modal_active=none&gclid=Cj0KCQiA2ZCOBhDiARIsAMRfv9lyBxuc6CO171rhIX4KB8tWPjpoGnMgVLgsEYcPgnuSaP2jtyiKC3saAIWIEALw_wcB&gclsrc=aw.ds. Acesso em 20 jul. 2022.

Inovateh – SEAD – UFSCAR. **Tutorial Padlet: Criando murais** – Inovaeh. Disponível em: <https://inovaeh.sead.ufscar.br/wp-content/uploads/2019/04/Tutorial-Padlet.pdf>. Acesso em 22 de jul. 2022.

ISLCCOLLECTIVE. **Internet Second Language Collective.** Disponível em: <https://pt.islcollective.com/>. Acesso em 22 jul. 2022.

LearningApps.org. **O que é LearningApps.org?** Disponível em: <https://learningapps.org/about.php>. Acesso em 20 jul. 2022.

LIMA, DS; LEITE, JAD Filho; GURGEL MVSA; AGUIAR AF Neto; COSTA, EFM; MAIA, FXF Filho; et al. **Recomendações para cirurgia de emergência durante a pandemia do COVID-19.** J

Health Biol Sci. 2020 J; 8(1):1-3. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/3176/1079>. Acesso em 20 jul. 2022.

Ministério da Educação (MEC) – Construindo políticas de valorização dos profissionais da educação básica. **O PNE e a Valorização dos profissionais da educação**. Disponível em: [https://planodecarreira.mec.gov.br/o-pne-e-a-valorizacao-dos-profissionais-da-educacao#:~:text=A%20Meta%2018%20do%20Plano,Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20\(Lei%20n%C2%BA%209.394](https://planodecarreira.mec.gov.br/o-pne-e-a-valorizacao-dos-profissionais-da-educacao#:~:text=A%20Meta%2018%20do%20Plano,Educa%C3%A7%C3%A3o%20Nacional%20(Lei%20n%C2%BA%209.394). Acesso em 23 jul. 2022.

ORGANIZATION; United Nations Children’s Fund. **Community-based health care, including outreach and campaigns, in the context of the COVID-19 pandemic. Interim guidance**. Disponível em: <https://www.who.int/publications-detail/community-based-health-care-including-outreach-and-campaigns-inthe-context-of-the-covid-19-pandemic>. Acesso em 23 jul. 2022.

Oxford Languages and Google. **Definição de Link**. Disponível em: <https://bityli.com/O3U8a>. Acesso em 20 dez. 2021.

Porvir – Inovações em Educação. **Kahoot!** Lança jogo para apoiar alfabetização de maneira divertida. Disponível em: <https://porvir.org/kahoot-lanca-jogo-para-apoiar-a-alfabetizacao-de-maneira-divertida/>. Por redação. Publicado em: 29 set. 2021. Acesso em 20 jul. 2022.

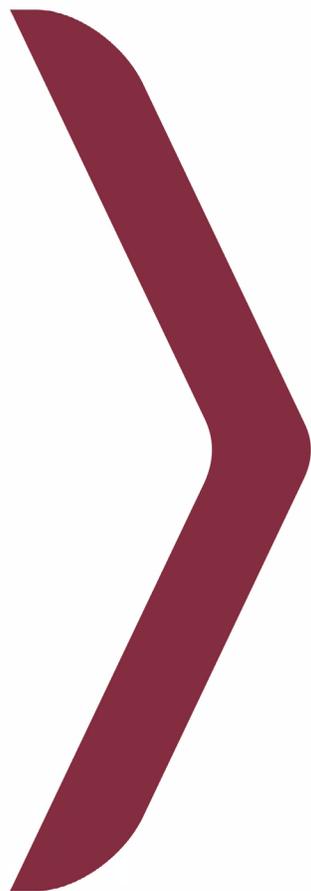
UNA-SUS. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus**. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 20 jul. 2022.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em 23 jul. 2022.

WhatsApp. **Sobre o WhatsApp**. Disponível em: https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br. Acesso em 20 dez. 2021.

TESTEMUNHOS DE UMA PROFESSORA DURANTE A PANDEMIA

ELISA MACHADO MILACH



Quando a pandemia da covid-19 chegou em março de 2020, a escola onde eu trabalho, que é uma escola pública do estado do Rio Grande do Sul, ainda estava de férias, devido a atraso no calendário, ocasionado pela greve dos profissionais da Educação deflagrada no ano de 2019. Em abril de 2020, quando deveríamos voltar com as atividades, as escolas já estavam fechadas por recomendação sanitária, e começamos a pensar em novas formas de trabalhar.

Não havia informações, nem orientações, ninguém estava preparado para algo assim, apesar disso, lá na escola, um grupo de professores se reuniu para montar atividades remotas que seriam enviadas aos alunos pelas redes sociais. Naquele momento, nem a gestão tinha informações e um planejamento de como poderíamos atender aos mesmos.

De maneira completamente arbitrária, o governo do estado do Rio Grande do Sul antecipou as férias de inverno para maio, pausando de forma abrupta um trabalho já iniciado. Contrariadas, paramos nosso trabalho para, então retomar no final de maio, onde começamos a ter formações sobre a plataforma *Google Classroom*, que foi utilizada por toda rede estadual a partir daquele julho de 2020.

Foram diversas *lives* e vídeo palestras, que pouco tornavam possível a interação, a exposição de questionamentos e das tantas dúvidas que tínhamos naquele instante. Momentos de encontro online em que pouco tínhamos a oportunidade de falar sobre a imensidão de sentimentos que estávamos a sentir. Estávamos ali, sujeitos ao novo e jogados diante de um desafio, individualmente, nos virarmos da melhor forma possível. As postagens teriam que ser feitas e as aulas retomadas a qualquer custo e independentes da qualidade da formação. Queríamos que os alunos fossem atendidos; assim como, igualmente, queríamos também atenção e as devidas orientações.

Logo, os professores que já tinham mais experiência com as tecnologias adaptaram-se mais facilmente, enquanto outros, com menos contato com as ferramentas tecnológicas, sofriam com a falta de apoio e orientação. No decorrer dos primeiros meses, os alunos passaram a ser bombardeados de material e atividades em uma ferramenta que, assim como nós, também estavam conhecendo e se adaptando, o que gerou uma insatisfação das famílias, que alegaram excesso de cobrança.

Passamos por situações em que tínhamos que dosar, pois as famílias estavam como nós, sob estresse psicológico, casos de mortes de familiares, perdas de emprego, entre outros problemas. A escola, então,

se tornava mais um fator estressante - tanto a sua falta, como a sua presença como cobrança excessiva.

Aos poucos, fomos adaptando e achando um equilíbrio, sabíamos que mais do que ensinar conteúdos e propor atividades, esta era a forma possível de mantermos o vínculo com a escola, de tentarmos estabelecer uma rotina e assegurarmos um mínimo de sanidade diante às bruscas mudanças sanitárias, sociais e econômicas que todos estavam vivendo. A escola é mais do que o aprendizado de conceitos das mais diferentes áreas do conhecimento, é oportunidade de interação e de socialização. Sem a “escola física”, os alunos estavam ainda mais isolados, a “escola remota” só amenizava uma situação precária, para os poucos que tinham acesso.

Em minha leitura, o ensino remoto expôs as fragilidades da escola pública, bem como acentuou as desigualdades. Uma das fragilidades da escola pública, em específico da escola onde trabalho, é o uso das tecnologias e suas ferramentas. Em 2020, os professores e alunos tiveram que aprender a lidar com funções básicas da tecnologia e com diferentes ferramentas, aprendendo novas habilidades. O desafio deste aprendizado ocorreu ao mesmo tempo em que o trabalho acontecia. Coisas simples, como: colocar anexos, criar e-mails, tabelas, slides de apresentação, fazer um documento de word, etc, eram, para muitos, funções complexas que tinham que se tornar rotina.

Falhamos em não nos prepararmos, nem preparar os alunos para a tecnologia, pois nós tínhamos acesso a algumas ferramentas, como computadores, lousa digital, *notebooks*, entre outros. Infelizmente, a escola não conseguiu organizar um trabalho com essas ferramentas e nem o corpo docente conseguiu se mobilizar. Claro que não imaginávamos o quanto iríamos necessitar da tecnologia, mas a escola não possui espaços e horários específicos para trabalhar estas ferramentas.

Devemos lembrar que a organização escolar em relação a cargas horárias e currículo tem pouca autonomia. A maior responsabilidade é dos governos e das mantenedoras, que deveriam ter programas que incentivem os professores e a escola para a alfabetização digital ou mesmo para o trabalho com a informática.

Quanto aos professores, o impacto foi no fato de não terem formação para o ensino remoto e, naquele momento, estavam imersos nessa situação, com quase nenhum preparo. A valorização dos espaços educacionais, da profissão de professor e de programas para o aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional dos docentes

são mudanças importantes que acabam sendo proteladas (BORGES, 2002). Podemos perceber que o professor está sempre correndo para acompanhar as mudanças que normalmente ocorrem enquanto estão sendo implementadas.

Como professores estamos em constante formação, mas por diversas vezes, as implementações educacionais de cada novo governo ocorrem sem devida orientação e preparo, as políticas educacionais sendo políticas de governo e não de estado estão em constante alterações tornando a continuidade de um trabalho educacional quase impossível.

Houve muitas dificuldades em preparar o material: quantidade, a forma que esse material era apresentado para o aluno, etc. Erramos muito, sem formação adequada, tentando acertar na boa vontade e na doação incansável do professor a sua profissão e a seus alunos.

Como educadores, a imersão nessa nova rotina pode nos conduzir a pensar nas novas alternativas didático pedagógicas (AZEVEDO, 2020), afinal esperar “passar” a pandemia para simplesmente voltar à antiga rotina é desperdiçar a oportunidade de repensar a nossa prática.

Uma grande dificuldade é o próprio acesso às tecnologias, seja do maquinário necessário, ou até mesmo de uma internet com conexão adequada; expondo a grande desigualdade social e econômica entre os alunos da escola pública e os da escola privada. Os primeiros fazem parte de um grupo para os quais a quarentena é particularmente difícil, pois já sofrem vulnerabilidade que a precede, e se agrava com ela (SANTOS, 2020). Nós ouvimos todo tipo de história: desde o aluno que faz as atividades de madrugada, pois tem apenas um celular na casa, que o responsável usa durante o dia. Aquele que vai no vizinho para ter conexão e acessar as aulas. E aqueles que não têm nem o básico para se alimentar, que dirá estudar, entre tantas outras situações. Temos, sim, uma parcela de alunos que têm condições e que interagem, porém, o remoto nos mostra claramente que são poucos alunos que realmente participam, que tem apoio familiar e que tem as condições básicas atendidas. Já tínhamos essa situação no ensino presencial, mas que não estava tão visível como se tornou agora.

Todas essas questões nos levam a questionar qual a nossa responsabilidade com nosso aluno? Qual nosso papel como educadores? Falhamos muito, porém, prosseguir tentando e fracassar nas tentativas é humano, demasiadamente humano (BAUMAN, 2004). Logo, o ensino remoto, apesar de expor nossas fragilidades, nos coloca em uma posição de crescimento e de transformação, não só como professores, mas,

principalmente como escola. Faz-nos questionar qual nosso papel para com a sociedade. No processo de crescimento, está o papel da formação continuada: para mim, foi o curso de especialização “Ciência é 10” que proporcionou momentos de aprendizado e reflexões necessárias aos tempos pandêmicos.

Trago aqui uma metáfora sobre luz e educação, a partir do livro “O que a pandemia interpela a professores a professoras” de Alessandro Augusto de Azevedo. A partir desta obra refleti sobre a importância de repensar as práticas docentes e essas reflexões me trouxeram uma série de considerações e reconsiderações, onde a principal reflexão e aprendizado foi sobre o poder da luz. A luz do holofote sobre o professor da qual devo fugir e direcionar cada vez mais para meu aluno, a luz que professores e a escola devem colocar sobre as questões de ensino e aprendizado, para não permitir que os alunos fiquem na escuridão da invisibilidade ou do esquecimento atrás do manto do currículo e dos interesses políticos.

Muito fácil esquecer no dia a dia qual objetivo do capitalismo com o aluno de escola pública, muito fácil esquecer que são tratados como mãos de obra e pressionados a se manterem assim, diante do sucateamento constante da estrutura escolar e do corpo docente, fácil ceder aos exercícios e provas e permitir a educação tradicional tomar o protagonismo em detrimento da investigação e da criatividade.

O tanto que a pandemia iluminou (ou descortinou) não pode voltar à escuridão, a rotina escolar e as constantes cobranças bem como alta carga horária em sala de aula sufoca os professores. Que os próximos governos deem espaço para a escola brilhar, que os professores continuem com suas chamas acesas e que tenham forças para continuar a iluminar, e, dessa forma, que a educação possa refletir criatividade, qualidade, alegria e muito conhecimento.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Alessandro Augusto de. **O que a pandemia interpela a professores a professoras**. Ed. Feitoemcasa, Natal, abril, 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido: Sobre as fragilidades dos laços humanos**. Ed. Zahar, 192 pág., 2004.

GALIAZZI, Maria do Carmo; MORAES, Roque. **Educação pela pesquisa como modo, tempo e espaço de qualificação da formação de professores de ciências**, *Ciência & Educação*, v. 8, n. 2, p. 237-252, 2002.

GUIDOTTI, Charles dos Santos; HECKLER, Valmir. **Investigação dialógica na sala de aula de ciências: Etnopesquisa-formação com professores de ciências da natureza**. *Revista Contexto&Educação*, Editora Unijuí, ISSN 2179-1309, Ano 36, nº 113, Jan./Abr. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa, **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra, ed. Almedina, 2020.

COMO EU E MINHA COMUNIDADE ESCOLAR ESTAMOS REALIZANDO OS ENFRENTAMENTOS AOS DESAFIOS DA PANDEMIA?

ANA DE FÁTIMA PADILHA RODRIGUES



Não me faço só,
nem faço as coisas só.
Faço-me com os outros e com eles faço coisas.
Paulo Freire

Assim como todos os educadores e suas instituições de ensino (seja qual for o nível de ensino), eu e minha comunidade escolar fomos postos à prova, de maneira brutal, mediante os desafios diários de ensinar no contexto da pandemia covid-19. Não me faço só, inclusive no contexto pandêmico.

As angústias geradas pelas incertezas, não se restringiram aos primeiros meses de pandemia, mas foram se intensificando à medida que o tempo foi passando e vimos as calamidades se expandirem, atingindo a todas as atividades humanas, principalmente aquelas que necessitam e promovem a ação coletiva. Sem esquecer que nós, seres humanos, crescemos, construímos/percebemos nossa própria humanidade, com o(s) outro(s).

Eis que: [...] de repente não mais que de repente, fez-se do amigo próximo, distante; fez-se da vida uma aventura errante. De repente, não mais que de repente (Vinícius de Moraes, 1938).

Entendo que devo iniciar minha narrativa contando como a mulher, professora, filha, mãe, e avó Ana de Fátima, percebeu/percebe, viveu/vive o processo da pandemia covid-19.

Voltando no tempo, em fevereiro de 2019, eu estava desfrutando dos encantos da “semana de férias”, com meu esposo, no litoral da “Bela e Santa Catarina”, quando ouvi falar pela primeira vez, em um noticiário, da existência de um vírus extremamente contagioso detectado na “longínqua” terra chinesa. Aqui, era carnaval. E eu, como todo bom brasileiro, fui “atrás do trio elétrico”.

Mas, ao voltar para casa, já comecei e me preocupar, pois os noticiários, diariamente, relatavam casos de pessoas morrendo na China, na Europa, nos Estados Unidos e...no Brasil!

E então, chego na Escola e preparo um material contendo informações sobre o Coronavírus e mostro na nossa primeira reunião pedagógica. A apresentação de slides continha dados e orientações do site do Ministério da Saúde (acesso em 24/01/2019), o qual foi aprovado para ser apresentado e discutido com todos os alunos, nos dois turnos da escola.

Lembro-me que, a partir da apresentação do material, ficou estabelecida a rotina de *higienização de mãos*: todas as turmas, antes de entrar na sala de aula, no primeiro período e no período após o recreio, iam em fila até os banheiros, acompanhados pelos professores, para lavarem suas mãos de acordo com o *ritual de lavagem* já conhecido.

Tudo isso era um protocolo cansativo e ocupava bastante tempo de aula, motivos que resultaram em queixas e descumprimentos, tanto por parte dos alunos, quanto de alguns colegas professores. Eu percebia o descaso e a resistência com os cuidados, o que me deixava angustiada e apreensiva, pois estava muito preocupada com os avanços da doença no país e no mundo.

Impossível esquecer do último dia de aula, dia 19 de março... veio o comunicado da 11ª Coordenadoria Regional de Educação do Estado (CREE), para comunicar que as aulas estavam canceladas, e que permanecêssemos todos em casa, aguardando as “orientações”.

Minha primeira reação foi a criação de grupos no aplicativo¹ *WhatsApp*, com todas as minhas turmas, e combinamos, eu e meus alunos, que seriam utilizados para envio de atividades e trocas de informações. A direção da escola também criou um grupo para cada turma, onde foram inseridos os contatos dos pais e responsáveis pelos alunos.

Lembro-me que, naquele dia, ao chegar em casa, sentei-me na sala e comecei a pensar em como iria organizar minha vida e as tantas demandas que tinha. Como sensibilizar e convencer meus sogros (de 85 e 90 anos) que não poderiam mais sair, ir aos encontros da igreja, receber visitas em casa?

O que eu iria falar para minha mãe, para convencê-la de que não poderia mais sair com suas amigas, que tinha que ficar no apartamento, sem visitas? Como eu iria cuidar do tratamento da minha irmã, há um ano fazendo radioterapia para um câncer maligno, extremamente agressivo? Como levá-la semanalmente ao hospital? Será que iriam parar com o tratamento? Mas, e aí? Isso significaria abandoná-la à própria sorte. Meu Deus... que angústia!

Pensava nos meus filhos, marido e genro, como fariam para trabalhar sendo profissionais liberais? E meu neto, com 8 anos, preso dentro de

1 *WhatsApp* é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para *smartphones* e computadores. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2018/12/20/noticias/whatsapp-historia-dicas-e-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-o-app/> Acesso em: 20 nov. 2021.

um apartamento, sem poder fazer suas terapias? Foi muito difícil. Eu me sentia perdida, sem argumentos para mim mesma.

Então, fiz o que sempre faço quando tudo parece escurecer, quando a solidão e a angústia querem tomar conta: fui até o meu oratório e rezei por todos.

No tocante à minha vida familiar, convoquei uma reunião, no sábado, dia 22 de março, onde combinamos como iríamos proceder, os cuidados para não nos contaminarmos, as restrições de saídas em lugares públicos (não iríamos mais utilizar ônibus), quem iria fazer as compras, como seriam as idas ao hospital para o tratamento de minha irmã, enfim, nosso propósito era construir uma rede de apoio familiar, para que pudéssemos atravessar a pandemia e chegar ao seu fim, todos juntos, que o vírus não nos tirasse a possibilidade de nos reunirmos no final: nenhum a menos!

Foi com este sentimento, com esta disposição para o enfrentamento, que iniciei minha luta pessoal, familiar, profissional e cidadã, contra a covid-19. É bem verdade que muitas foram as vezes que o medo quase me paralisou. Nesses momentos, que ocorreram em casa e nos corredores do Hospital de Clínicas, minha grande arma foram minhas preces.

Eu acredito, e Ele nunca me abandonou! Mesmo quando a angústia era tanta, quando eu não conseguia sequer rezar. Ele estava ali. Sua presença se materializava nas pessoas que eram colocadas em meu caminho, virtual ou fisicamente; estas pessoas, assim como eu, estavam com medo, mas com disposição para o enfrentamento, solidárias, em nome de algo muito maior: a vida.

Mas, era preciso seguir em frente, precisava continuar ensinando! Faço parte de uma escola que tem 80 anos de existência, servindo à sua comunidade. Uma comunidade que conta conosco, e com a qual também sabemos poder contar, para todas as horas! Sempre foi assim, e, novamente, nos demos as mãos e enfrentamos as incertezas com a certeza, a solidez de uma escola que, em 1941, foi criada a partir do ideal, do desejo de pessoas da comunidade, do sonho de ver suas crianças e jovens estudando no seu lugar!

A pergunta que todos nós educadores fazíamos era: *Como estarão nossos alunos? Estão com saúde? Como são as relações de convivência em sua casa? Estão se alimentando?* E, principalmente: *Como ensinar? O que ensinar? A quem ensinar?*

De repente, o que era conhecido, preciso, se tornou uma incógnita, uma situação de muitas variáveis para serem consideradas, num ambiente totalmente novo, para a grande maioria dos professores: a sala de aula precisava ser reinventada, a escola, do dia para a noite, passou a acontecer nos grupos do aplicativo *WhatsApp*, nas redes sociais, nas salas de aula virtuais na *Plataforma Classroom*.² Mas, onde estão nossos alunos?

Eu e meus colegas professores, como educadores da escola pública, sabíamos dos problemas gerados pelo descaso do poder público com a educação, e com as comunidades periféricas. A pandemia só fez aprofundar os abismos sociais, onde foram lançados nossos alunos, que sempre foram invisíveis aos olhos do poder público. Para nós educadores, nossos alunos nunca foram invisíveis! Conhecíamos suas carências, e fragilidades que o sistema vem ao longo dos anos perpetrando na grande maioria das famílias às quais servimos.

Diante disso, cientes do perigo, nos lançamos à luta para que nossa escola conseguisse resistir, cumprir com sua função social de educar e, principalmente, levar esperança aos nossos alunos e suas famílias... conjugar o verbo *esperançar* no coletivo .

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é espera. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo... (FREIRE, 2002, p.10).

Então, passamos a nos reunir virtualmente, na busca por fortalecer-nos, e, principalmente, construir respostas para as questões pedagógicas que emergiram com a pandemia: O que os estudantes esperam de nós? O que devemos oferecer aos estudantes? O que significa a escola para eles, neste momento? De que maneira podemos restabelecer os vínculos com nossos alunos e suas famílias?

Assim, aos poucos, começamos a construir um novo coletivo... saíamos desses encontros virtuais com ideias mais consistentes sobre como realizar nossas aulas. A partir dos diálogos, passamos a perceber a necessidade de novas escolhas metodológicas e pedagógicas, que nos

2 É uma ferramenta *online* gratuita que auxilia professores, alunos e escolas com um espaço para a realização de aulas virtuais. Por meio dessa plataforma, as turmas podem comunicar-se e organizar as aulas a distância. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=plataforma+classroom+o+que> Acesso em: 22 nov. 2021.

aproximassem de nossos alunos e permitissem criar pontes, na tentativa de humanizar, tornar menos áridas as chamadas de vídeo, os ambientes das salas de aula virtuais.

Fico procurando palavras para descrever as incertezas que me invadiram, decorrentes das minhas tentativas de ensinar utilizando a *Plataforma Classroom*, e de realizar aulas *online*³ com a ferramenta *MEET*.⁴ A angústia de falar, tentando estabelecer algum diálogo com os poucos alunos que tinham acesso, sem ver seus rostos, suas câmeras de vídeo sempre fechadas, respostas por monossílabos...

Sentia-me extremamente fragilizada, sem a segurança dos questionamentos dos meus alunos, sem a bússola orientadora do caminho: a *pergunta*. Na ânsia por envolvê-los, e por levar algum incentivo a todos, resolvi gravar pequenos vídeos, e enviá-los nos grupos de *WhatsApp* das turmas.

Fiz vários vídeos, a maioria tinha como objetivo explicações sobre os conteúdos que eu havia planejado, e constavam no meu Plano de Trabalho. O primeiro vídeo, foi para a turma do 9º Ano, onde me esmerei numa demonstração de um experimento sobre mudanças de estados físicos.

Deu tudo “certo”, exceto no pequeno detalhe: eu gravei o vídeo de pijama, enviei, e só percebi quando as mensagens começaram a pipocar, nos grupos dos alunos e no grupo dos professores! Acabou que todos acharam o máximo (grande alívio!). Foi um momento de descontração, mas que não fora planejado. Depois disso, consegui que alguns alunos abrissem suas câmeras, nas aulas no *MEET*.

Inúmeras foram as vezes que o cansaço, a solidão e a insegurança me invadiram; principalmente, depois das muitas horas que eu ficava em frente ao computador, tentando criar atividades para aulas que muito poucos acessavam...

Todos os meus alunos me preocupavam, mas, com certeza, os alunos “laudados”, os da Sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), foram os que mais dificultaram o meu já tão conturbado sono. Em todas as turmas, tenho alunos inclusos, que precisam de diferentes modos de

3 O termo *online* é usado para se referir a alguém que esteja conectado à *internet*, neste contexto, refiro-me aos encontros/aulas em tempo real. Disponível em: <https://www.soportugues.com.br/secoes/FAQresposta.php?id=368>. Acesso em: 221 nov.2021.

4 Este aplicativo de vídeo chamada de grupo do *Google*, utilizamos durante a pandemia para realizarmos nossas aulas *on line*, enquanto não foi possível a aula presencial.

adequação das atividades e conteúdo, e em função das especificidades dos laudos, muitos não leem.

Diante dessa realidade, de nada adianta que o aluno tenha acesso à plataforma de aprendizagem, aos grupos de *WhatsApp* da sua turma, ou que lhe sejam enviadas atividades impressas para suas casas. Ele(a) não conseguirá acessar às atividades.

A professora, na solidão da sua casa, se perguntava: Como faço para continuar ensinando meus alunos inclusos? De que maneira mantereí contato com eles, encorajando-os a seguir seus estudos, não desistindo da escola?

Comecei, então, a enviar mensagens no *WhatsApp* privado dos pais, solicitando uma chamada de vídeo com eles. Somente um pai não me retornou. Os demais, marcaram uma conversa comigo, na qual estabelecemos um horário semanal para chamadas de vídeo, nas quais eu iria conversar com o(a) aluno(a), e explicar a atividade da semana.

Foram momentos de muita emoção. Nas primeiras chamadas (no *WhatsApp*, porque os pais não conseguiam acessar a plataforma), o(a) estudante ficava me olhando, surpreso(a). Aqueles com laudo de Autismo, têm dificuldade de olhar nos nossos olhos, mas, para minha surpresa, estes olham diretamente para a tela do celular!

As interações com estes alunos excederam minhas expectativas: realizavam as tarefas, me chamavam para novas explicações, enviavam as atividades refeitas! Apenas um aluno, aquele cujos pais não responderam ao primeiro contato, é que não consegui estabelecer comunicação durante todos estes mais de 15 meses de pandemia sem aulas presenciais.

Os demais alunos inclusos tiveram excelente participação nas aulas, inclusive, três alunos começaram a participar das aulas *online*, no *MEET* semanal das suas turmas. Neste momento de minha escrita, lembrei de uma citação, que significa o relato contido nos parágrafos acima, para Freire (1996), ensinar exige estar disposto a:

[...] aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. O tom menos cortês com que foi feita uma pergunta. Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente “lido”, interpretado, “escrito” e “reescrito”. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (FREIRE, 2002, p. 38).

Se fosse possível resumir todas as nossas angústias de educadores em uma só, seria a de não perder nossos alunos, no sentido da escola continuar a ser significativa para suas vidas. Um *espaço de aprendizagens democráticas*, uma escola presente, com aulas onde os conteúdos não fossem dissociados dos problemas, ignorando seus anseios, que oportunizem a aprendizagem, estimulando a participação de todos.

Segundo Freire (1987), o processo educativo é responsável pela tomada de consciência, e possibilita ao estudante inserir-se no processo histórico como sujeito. Daí a importância de nós, educadores, compreendermos que o nosso papel, o papel da escola neste contexto de pandemia, está para além da “grade curricular”, e que as demandas geradas a partir da pandemia, no ambiente escolar, exigem atitudes pedagógicas muito mais conscientes e profundas, que simplesmente ampliar a carga horária desta ou aquela disciplina.

Precisamos ensinar nossos alunos, de maneira que estes possam ler e interpretar mais que os textos dos livros didáticos: que sejam capazes de realizar a leitura do momento histórico no qual estão vivendo. Como escola, precisamos apreender a riqueza deste momento, apesar de todos os pesares. Com eles, e a partir deles, (re)construir nossos currículos escolares, significando-os.

Neste momento de minha escrita, procuro relatar os sentimentos, os confrontos, as dúvidas e incertezas geradas no coletivo de educadores da Escola Felisberto Luíz de Oliveira, no enfrentamento da pandemia, me veio à lembrança Fernando Pessoa: “Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Entendendo o significado de preciso, não como algo necessário, mas como algo que carece de precisão, de ser exato, exigindo método, pautado no planejamento, na reflexão sobre a ação.

A vida, com todas as suas nuances e incertezas, não é precisa. Contudo, os saberes construídos a partir destas experiências, me possibilitam afirmar que para navegar no rio da vida, é exigido do professor a precisão dos que navegam conscientes do rumo, dos objetivos que o levam a navegar, que anseiam em chegar, sabendo para onde ir.

É através de espaços de diálogo e de partilha de saberes dentro da escola, da construção de contextos colaborativos de aprendizagem, que conseguiremos estabelecer um percurso mais preciso, uma bússola que nos indique o rumo, nestes tempos tão desafiadores, exigentes de um novo caminho.

E então, precisamos responder à pergunta: como se faz um novo caminho? Resposta: caminhando. Os desafios inerentes ao novo caminhar, são, também, possibilidades para descobertas e ressignificações. A professora Ana, consciente de que não está só, se coloca na busca de reavivar os laços, as parcerias de sala de aula, de escola, na comunidade.

Os dois anos de pandemia oportunizaram a esta professora o tempo necessário para refletir a sua sala de aula e, acredito, tornar meu olhar de educadora mais sensível às demandas da comunidade a qual sirvo, e que se manifestam no espaço-tempo de minhas aulas, a partir das falas dos estudantes.

Assim, a partir da escuta atenta aos diálogos destes estudantes, tenho buscado incluir no planejamento das aulas de Matemática e Ciências suas preocupações com o desemprego, com os sinais de ansiedade manifestados pelos estudantes, com a carência alimentar (que percebo nos pedidos para repetir a merenda, mesmo depois da segunda repetição), dos sinais de abandono e de violência doméstica.

Penso que, em outros tempos, talvez, estas situações me deixassem angustiada, sem muitas perspectivas de ação. Hoje, fortalecida pelos sofrimentos compartilhados e pelos que experienciei na vida privada, percebo as infinitas possibilidades de refletir com o coletivo da sala de aula, sobre estas realidades, trazendo para os diálogos os conteúdos das duas disciplinas, que emergem significativamente destas temáticas.

Assim, tenho buscado o enfrentamento destes novos tempos com meus estudantes e colegas professores. Como já nos ensinava Freire (2002), quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no “trato” deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola.

Meu desejo é de que prossigamos unidos, na busca por uma educação pública democrática, inclusiva e acolhedora, pois, se assim não for, a escola jamais terá a qualidade que nossos estudantes merecem. E nós, educadores, teremos perdido a oportunidade de fazer parte da construção de uma sociedade mais justa, e feliz.

REFERÊNCIAS:

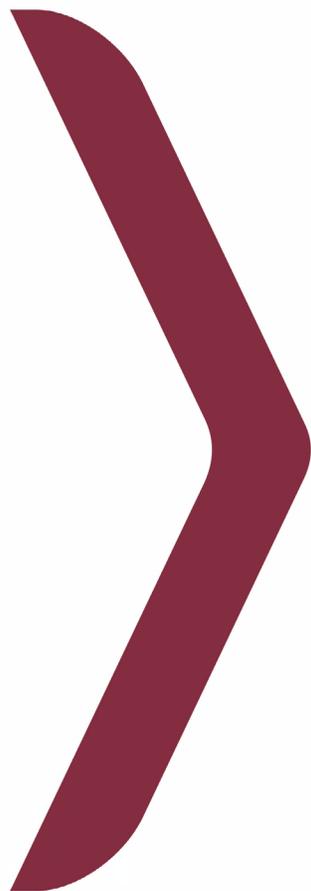
FREIRE, **Paulo**. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. 165 p.

_____. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Abaixo de cada nome, uma apresentação escrita por cada professor e professora/autor e autora dos capítulos do **Volume II da Coleção C10/FURG.**



ORGANIZADORAS:

ANA LAURA SALCEDO DE MEDEIROS

Sou paulistana, estou a mais de 20 anos em solo gaúcho, mais especificamente em Rio Grande. No momento aposentada, trabalhei por muito tempo na Educação Básica como professora de Ciências e Química, dos 40 anos de magistério, somente 11 foram no Ensino Superior. A acolhida da FURG em Rio Grande me proporcionou a formação profissional de Especialização em Ecologia Aquática Costeira, Mestrado e Doutorado em Educação em Ciências. Participei do PIBID, um programa que aposta na formação acadêmico-profissional, iniciei como professora supervisora quando estava na Educação Básica, depois como coordenadora de alguns subprojetos. Esses e outros aspectos da minha caminhada me constituíram a professora que sou, que ainda está na ativa como voluntária na educação. Esse caminho ainda está sendo trilhado e o C10 me apresentou um outro processo de formação de professores que permitiu também minha autoformação. Somos inconclusos como nos mostra Paulo Freire, por isso sigo buscando o autoconhecimento e a leitura de mundo.

BERENICE VAHL VANIEL

Licenciada em Ciências, Hab. Física (FURG), Mestre em Educação Ambiental, Doutora em Educação em Ciências. Atuou como Professora da Educação Básica, na assessoria de Educação Ambiental, de Ciências e na Coordenação do NTM/SMEC Rio Grande. Experiência na EaD, Educação Ambiental; professora e coordenadora de tutoria do Curso de Especialização TICEDU/FURG, professora dos cursos de Licenciatura em Física EaD e Ciências EaD, pesquisa e atua na área do Ensino de Ciências, com ênfase nas metodologias de ensino, formação continuada e tecnologias digitais na educação. Atualmente é professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Campus São Lourenço do Sul.

AUTORES E AUTORAS:

ANA DE FÁTIMA PADILHA RODRIGUES

Sou professora da Rede Pública Estadual do Rio Grande do Sul, Licenciada em Ciências Exatas, pela FURG, Mestre em Ensino de Ciências Exatas, pela FURG. Também pela FURG, realizei o curso de especialização em Ensino de Ciências- Anos Finais do Ensino Fundamental “Ciência é Dez”. Atuo como professora de Matemática e Ciências, nas séries finais do Ensino Fundamental, na E.E.E.F. Felisberto Luiz de Oliveira, escola do campo, no município de Santo Antônio da Patrulha. Nesta querida escola, coordeno , há 24 anos, a Feira do Conhecimento, onde os trabalhos investigativos desenvolvidos pelos alunos são socializados com a comunidade. Atualmente, tenho a alegria de participar do PIBID 2022/24, como professora supervisora do grupo de pibidianos de Ciências Exatas do Campus FURG /SAP.

CARLA AMORIM NEVES

Graduada em Licenciatura Plena em Ciência e Biologia (1995), Mestrado em Oceanografia Biológica (1997) ambos pela FURG, e Doutorado em Ciências Zoologia (2003, UFPR). Especialista em Pedagogia Sistêmica (Innovare e Hellinger Schuler, 2021). Professora e orientadora no Ciência é 10 da FURG, lotada no Instituto de Ciências Biológicas.

ELISA MACHADO MILACH

Licenciada em Ciências Biológicas pela UFPEL e Mestra em Entomologia pela mesma instituição. Atualmente professora concursada da Escola Estadual de Ensino Médio Santa Rita de Pelotas/RS

EMERSON ROBERTO DE OLIVEIRA

Licenciado em Letras Estrangeira Moderna - Espanhol e em Geografia. Atua na EMEF Getúlio Dornelles Vargas, em Parobé/RS e na EEEM Polissinos de São Leopoldo/RS.

IEDA MARIA LOPES DA SILVEIRA

Graduada em Química Licenciatura com habilitação em Ciências, pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Pós Graduada, Especialista em Ensino de Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental Ciências é 10! (FURG). Atua como professora de Química da E.T.E. Getúlio Vargas, escola da rede pública estadual, na cidade do Rio Grande- RS.

JANESSA ALINE ZAPPE

Graduada em Química - Licenciatura plena e Química Industrial, mestra e doutora em Educação em Ciências pela Universidade Federal de Santa Maria. Professora de Química do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Campus Charqueadas.

JULIANA COSTA DA SILVA

Licenciada em Química - Habilitação em Ciências, pela Universidade Federal de Rio Grande. Pós-Graduada em Orientação Educacional pela Faculdade Alfa América. Atua como professora de Ciências na escola na EMEF Coronel Antônio Soares de Paiva, e como Orientadora Educacional na EMEF João de Deus Collares, ambas na cidade de São José do Norte.

KAREN FLÔRES RODRIGUES

Graduada em Ciências Biológicas (FACOS), Especialista em Planejamento e Gestão Ambiental (UNICNEC), Especialista em Ensino de Ciências nos anos Finais do Ensino Fundamental. Ciência é 10! (FURG), Especialista em Meio Ambiente e Biodiversidade (UERGS – Campus Osório). Atualmente é professora de Ciências, no município de Santo Antônio da Patrulha na E. M. E. F. Santa Inês.

MARCELO DA ROCHA NUNES

Sou nascido e criado na cidade do Rio Grande/RS. Com graduação em Ciências Biológicas Licenciatura e Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG.

Mestrado (2013) e Doutorado (2018) em Educação em Ciências também pela FURG.

Especialização em Terapia Cognitivo Comportamental (Uninter) em 2021 e especialização em Ensino de Ciências: Ciência é 10 (FURG) em 2022. Atualmente, estudo Licenciatura em Filosofia (UFPel) e especialização em Terapia Familiar (FAVENI), além de ser professor da rede pública estadual desde 2014 e atuar como psicólogo clínico.

NATÁLIA VIEIRA DE SOUZA SILVÃ

Graduada em Pedagogia pela UNIFEMM- Centro Universitário de Sete Lagoas, Minas Gerais. Pós graduada, Especialista em Ensino de Ciências nos anos Finais do Ensino Fundamental Ciência é 10! (FURG), Especialista em Ensino de Filosofia (UFPEL), Especialista em Psicopedagogia (Uniassevi), Especialista em Neuropsicopedagogia (Uniassevi), Especialista em Gestão Educacional (UFSM), Especialista em Gestão de Políticas Públicas (UFOP), Especialista em Orientação, Inspeção e Supervisão (SOCIESC). Professora da rede municipal de São Leopoldo-RS, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Maria Gusmão Britto, e Supervisora e Vice-diretora na rede estadual do Rio Grande do Sul, na Escola Estadual de Ensino Médio Villa Lobos.

NEIVA ALTHAUS

Professora de Matemática e Robótica da educação básica na rede pública municipal de Venâncio Aires. Licenciada em Ciências Exatas pela UNIVATES, Mestre em Ensino de Ciências Exatas (UNIVATES), Especialista no Ensino e Práticas de Ciências e Matemática pela UERGS, Especialista em Ensino de Ciências nos anos Finais do Ensino Fundamental Ciência é 10! (FURG).

O VOLUME II da coleção “CIÊNCIA É 10/FURG” reúne textos narrativos que versam sobre *escola na pandemia*, no horizonte da reinvenção docente que se fez necessária aos tempos pandêmicos. Os textos reúnem aspectos da escola na pandemia, marrada em seu tempo histórico, em sua realidade concreta, em seus limites e na expressão das possibilidades pedagógicas criadas diante de uma nova realidade educativa. Professoras e professores retratam suas docências em singularidade, enquanto sujeitos marcados por tantas dimensões e que reinventam modos de ser e estar nos contextos educativos em que exercem a profissão de professores.



Curso de Especialização em Ensino de Ciências
nos anos finais do Ensino Fundamental



Ministério da
Educação



casaletras

casaletras.com

9 786586 625691

ISBN: 978-65-86625-69-1